



**INSTITUTO POLITÉCNICO** Escola Superior de Educação  
**DE BRAGANÇA**

Prática de Ensino Supervisionada - A construção de valores em  
contexto educativo

**Elisa Maria Sá Ribeiro**

Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de  
Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-escolar e  
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientado por

**Ilda Freire Ribeiro**

Bragança

novembro, 2022



## **Agradecimentos**

A nossa vida é feita de pessoas e pautada pelo amor e pela amizade. Todas elas nos marcaram ao longo deste percurso e que gratas nos sentimos por cada uma delas ter entrado na nossa vida. Há as de perto, as de longe, as de sempre e as que foram entrando e se tornaram boas surpresas neste caminho.

Em primeiro lugar, queremos agradecer aos nossos alicerces, à nossa família. Sem eles, toda esta aventura não seria mesmo possível. Obrigada, pai, por nos ensinares a importância da responsabilidade. Obrigada, mãe, por teres sido o nosso colo sempre que foi preciso. Obrigada João e Sofia, por tudo o que vivemos e pela certeza de que estaremos juntos para tudo. Obrigada, tios/as, primos/as, avô e avó, todos vocês fizeram parte desta aventura e ajudaram para que este objetivo tenha sido cumprido. Juliana, agradecemos do fundo do coração a ti e à tua família por todo o apoio. Que bom que é continuar a crescer todos os dias convosco! Obrigada por serem o nosso suporte em tudo.

Gostaríamos ainda de agradecer a Bragança, a esta cidade que nos acolheu ao longo destes cinco anos. Em Bragança sorrimos, choramos, abraçamos, crescemos e, por isso, vivemos. Obrigada, Bragança, por cada momento e por cada pessoa que colocaste nas nossas vidas. Dos professores à família que construímos, todos marcaram a nossa estadia em Bragança.

À Professora Ilda que nos deu força para continuar, à Professora Angelina que acreditou em nós. Às educadoras/professoras das instituições que nos acolheram deixando-nos arriscar e aprender e às crianças que encheram esta aventura com os seus afetos e com a sua simplicidade, honestidade e verdade. A todos os professores da Escola Superior de Educação de Bragança que contribuíram para o nosso crescimento diário.

Aos nossos amigos para sempre: à Catarina que esteve connosco desde o início desta aventura e que viveu todos os momentos connosco, à Ana que nos deu o privilégio de entrar na sua vida e ter um papel especial no seu coração e ao Bruno que se tornou um verdadeiro companheiro de aventura em todas as ocasiões. Com eles sempre nos sentimos em casa e sabemos que continuará a ser assim. Obrigada, por serem os primeiros na fila seja para nos aplaudir ou para nos abraçar quando é preciso. A história continua!

Cuidar do outro é uma grande prova de amor e uma grande responsabilidade e é essa responsabilidade que sentimos com os nossos amigos. Obrigada, Pepe, Porfírio, Manuel e Bruna pela vossa presença diária na cidade dos amigos para sempre e pela amizade verdadeira. Ao Tiago e a o Miguel queremos agradecer por todos os momentos e por se fazerem presentes na nossa vida, apesar dos km's que nos separam fisicamente.

Obrigada, Beatriz, Cipriano, Andreia e Carolina por nos acolherem no início desta aventura. A ti, Cátia, obrigada pela amizade desde sempre.

“Estar perto dos que estão longe sem estar longe dos que estão perto” tem sido o nosso lema de vida nos últimos quase oito anos. Ser Jovem Sem Fronteiras tem sido a melhor forma de viver. Fazer parte deste movimento e ter de acolher o toque da missão diariamente, é marcar a vida de todos com amor, é ganhar uma segunda família. A Rita, o Bruno e a Francisca são colo, amor, exemplo e família. A Ana Fidalgo é coração gigante e amizade verdadeira. A Sara Gomes é companheira de aventuras e de todos os momentos. A, mais recente surpresa positiva, a pequena Sara Correia é a motivação e a energia contagiante. Ao Vítor, à Mariana Mateus, à Rute, à Francisca, à Anita, à Maria, ao Pedro, ao Anthony, ao Ricardo Peres, ao Ricardo Rodrigues, à Lavínia, à Libânia, ao Gabriel, ao Lucas, à Margarida e à Simone um abraço missionário cheio de amor, de amizade e gratidão. Obrigada a cada um de vocês por fazerem parte da nossa vida e por nos fazerem crescer todos os dias.

De ti não nos podemos esquecer Cabo Verde, tu que marcaste o início desta aventura, pois, foi com o teu povo que percebemos que este seria o nosso destino. Aos nossos companheiros missionários, Rita, Raquel, Ana Sofia, Margarida, João e Nuno queremos deixar uma palavra de agradecimento pela amizade e companheirismo.

A todos os que passaram pela nossa vida durante estes anos, agradecemos pelos abraços, pelos conselhos, pelas aprendizagens e pelo apoio. Tudo isso nos fez chegar onde estamos hoje e ser as pessoas que somos hoje. Obrigada por tudo!

## **Resumo**

O presente relatório de estágio é o resultado da prática da ação educativa que realizámos na creche, na educação pré-escolar e no 1.º CEB, no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. A construção de valores em contexto educativo é a problemática escolhida para esta investigação e foi realizada a partir dos seguintes objetivos: (i) promover a construção de valores que possam favorecer uma melhor compreensão e intervenção sobre o mundo que nos rodeia; (ii) compreender a importância que o quotidiano assume na construção de valores; (iii) analisar a perceção em relação aos valores. Promover a educação em valores deve ser uma preocupação de todos e a escola não pode ser exceção, pois é na escola que as crianças passam grande parte do seu dia e onde promovem o desenvolvimento a nível pessoal e social. O agente educativo, isto é, o educador/professor deve ter um papel fundamental nesta construção de valores, planificando atividades que permitam à criança adquirir ferramentas para se tornarem cidadãos conscientes, críticas, responsáveis, livres e solidárias. A criança deve desenvolver atitudes, ao longo da sua vida, que lhes permita entender que a sua vida deve ser pautada pelos valores humanos. Esta investigação é de cariz qualitativo e teve como técnicas de recolha de dados a observação participante com o diário de bordo, os registos fotográficos das experiências de ensino e aprendizagem e os diálogos reflexivos; e o inquérito por questionário realizado às crianças do 1.º CEB. As experiências de ensino aprendizagem demonstram que a construção de valores deve ser promovida em contexto educativo e que as crianças valorizam a importância de viver segundo os valores humanos.

**Palavras-chave:** construção de valores, escola, agentes educativos



**Abstract**

This internship report is the result of the practice of the educational action that we carried out in the nursery, in pre-school education and in the 1st CEB, within the scope of the Supervised Teaching Practice of the Master in Pre-School Education and Teaching of the 1st. ° Cycle of Basic Education. The construction of values in an educational context is the issue chosen for this investigation and was carried out based on the following objectives: (i) to promote the construction of values that can favor a better understanding and intervention on the world around us; (ii) understand the importance that every day (pre-)school life assumes in the construction of values; (iii) analyze children's perception of values. Promoting education in values should be everyone's concern and school cannot be an exception, as it is at school that children spend a large part of their day and where they promote personal and social development. The educational agent, that is, the educator/teacher, must play a fundamental role in this construction of values, planning activities that allow children to acquire tools to become conscious, critical, responsible, free and solidary citizens. The child must develop attitudes, throughout their lives, that allow them to understand that their life must be guided by human values. This research is of a qualitative nature and had as data collection techniques the participant observation with the logbook, the photographic records of the teaching and learning experiences and the reflective dialogues, and the questionnaire survey carried out with the children of the 1st CEB. Teaching-learning experiences demonstrate that the construction of values must be produced in an educational context and that children value the importance of living according to human values.

**Keywords:** construction of values, school, educational agents



## **Siglas e acrónimos**

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

AE – Aprendizagens Essenciais

CeD – Cidadania e Desenvolvimento

EEA – Experiências de Ensino Aprendizagem

ENEC – Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania

EPE – Educação Pré-Escolar

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

JI – Jardim de Infância

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

NE – Necessidades Educativas

OCEPE – Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar

ONGD – Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

OPC – Orientações Pedagógicas para a Creche

PASEO – Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória

PES – Prática de Ensino Supervisionada

RED – Referencial de Educação para o Desenvolvimento



## Índice Geral

<b>Agradecimentos</b> .....	iii
<b>Resumo</b> .....	v
<b>Abstract</b> .....	vii
<b>Siglas e acrónimos</b> .....	ix
<b>Índice Geral</b> .....	xi
<b>Índice de tabelas e figuras</b> .....	xii
<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Enquadramento Teórico</b> .....	3
<b>1.1. Educação em valores na infância</b> .....	3
<b>1.2. Orientações e fundamentos sobre a educação em valores</b> .....	5
<b>1.3. O papel do educador/professor na promoção de uma educação em valores</b> ...	13
<b>2. Caracterização dos contextos educativos</b> .....	16
<b>2.1. O contexto educativo de creche</b> .....	16
<b>2.2. Caracterização do contexto educativo de Jardim de Infância</b> .....	18
<b>2.3. Caracterização do contexto educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico</b> .....	21
<b>3. Opções metodológicas e contextualização da investigação</b> .....	22
<b>3.1. Fundamentação da escolha do tema e objetivos da investigação</b> .....	22
<b>3.2. Natureza da investigação</b> .....	23
<b>3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados</b> .....	23
<b>4. Descrição e análise das experiências de aprendizagem</b> .....	27
<b>4.1. Experiência de ensino-aprendizagem no contexto de creche</b> .....	27
<b>4.1.1. Caixa dos Afetos</b> .....	28
<b>4.2. Experiência de ensino-aprendizagem no contexto de Educação Pré-escolar</b> ... 31	
<b>4.2.1. Eu digo obrigada!</b> .....	32
<b>4.2.2. Super Herói/Heroína</b> .....	37
<b>4.3. Experiência de ensino-aprendizagem no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico</b> .....	43
<b>4.3.1. Uma grande família</b> .....	43
<b>4.3.2. O lápis mágico da Malala</b> .....	48
<b>Considerações Finais</b> .....	71
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	75

## Índice de tabelas e figuras

### Tabelas

Tabela 1.	Grupos temáticos presentes na ENEC .....	10
Tabela 2.	Rotina diária da creche .....	17
Tabela 3.	Rotina diária do jardim de infância .....	19
Tabela 4.	Respostas das crianças à pergunta “Para ti o que significa a palavra Família? .....	45
Tabela 5.	Respostas à questão “O que farias se tivesses um lápis mágico?” .....	50
Tabela 6.	Respostas da pergunta “Se eu fosse presidente de um país que estivesse em guerra, o que faria para ela terminar?” .....	52
Tabela 7.	Categorização das respostas dadas pelas crianças à pergunta – “Para ti o que significa a expressão “valores humanos?”” .....	56
Tabela 8.	Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta – “É importante que as pessoas vivam segundo alguns valores humanos?” .....	57
Tabela 9.	Categorização das respostas dadas pelas crianças à questão apresentada – “Ao que é que tu dás mais valor?” .....	58
Tabela 10.	Categorização das respostas dadas pelas crianças à questão apresentada – “Para que servem os valores humanos?” .....	58
Tabela 11.	Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor amizade à questão – “Qual o valor com o qual tu te identificas mais?” .....	60
Tabela 12.	Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor paz à questão – “Qual o valor com o qual tu te identificas mais?” .....	60
Tabela 13.	Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor respeito à questão – “Qual o valor que mais praticas na escola?” .....	62
Tabela 14.	Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor amizade à questão – “Qual o valor que mais praticas na escola?” .....	62
Tabela 15.	Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor amor à questão – “Qual o valor que mais praticas no seio da família?” .....	64
Tabela 16.	Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor coragem à questão – “Qual o valor que sentes que devias desenvolver mais?” .....	66
Tabela 17.	Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor responsabilidade à questão – “Qual o valor que sentes que devias desenvolver mais?” .....	66
Tabela 18.	O que é para ti mais valioso? .....	67
Tabela 19.	Dicotomia de valores .....	67
Tabela 20.	Respostas dadas pelas crianças à pergunta – “Qual é o teu valor favorito?” .....	68

## Figuras

Figura 1.	Esquema Concetual do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória .....	11
Figura 2.	Caixa dos afetos .....	29
Figura 3.	Jogo por correspondência .....	30
Figura 4.	Desenhos e mensagens de agradecimento para os familiares ...	34
Figura 5.	Postais do projeto “Sorrisos de Papel” com os desenhos das crianças .....	40
Figura 6.	Visita ao lar de idosos .....	42
Figura 7.	Nuvem de palavras associadas à palavra “família” .....	47
Figura 8.	Famílias em pasta de moldar .....	48
Figura 9.	Brainstorming da frase “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo” .....	49
Figura 10.	Lápis mágicos realizados pelas crianças .....	53
Figura 11.	Gráfico das idades das crianças da turma do 4.º ano de escolaridade .....	55
Figura 12.	Gráfico do sexo das crianças da turma do 4.º ano de escolaridade .....	55
Figura 13.	Gráfico da opinião das crianças sobre o valor com o qual se identifica mais .....	59
Figura 14.	Gráfico da opinião das crianças sobre o valor que mais pratica na escola .....	61
Figura 15.	Gráfico da opinião das crianças sobre o valor que mais pratica no seio da família .....	63
Figura 16.	Gráfico da opinião das crianças sobre o valor que precisa de desenvolver mais .....	65
Figura 17.	Desenhos das crianças que consideraram o seu valor favorito o amor .....	69
Figura 18.	Desenhos das crianças que consideraram o seu valor favorito a amizade .....	69
Figura 19.	Desenhos das crianças que consideraram o seu valor favorito a honestidade .....	70



## Introdução

No âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) integrada no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança foi realizado o presente relatório final de estágio. Este relatório tem como principal objetivo partilhar alguns dos momentos realizados ao longo da PES nos três contextos educativos, sendo eles: a creche, a educação pré-escolar (EPE) e 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.ºCEB), contextos pertencentes à rede privada e pública de ensino na cidade de Bragança.

A elaboração do relatório implica que haja uma investigação sobre as práticas e esta investigação, neste caso em particular, centra-se na construção de valores em contexto educativo. No nosso ponto de vista, este é um tema muito importante principalmente para futuros educadores/professores, pois acreditamos que a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento e mobilização de valores para formar cidadãos autónomos, conscientes, críticos e solidários. No presente relatório, intitulado *a construção de valores em contexto educativo*, procuramos estabelecer uma simbiose entre educação e os valores, estabelecendo entre si “uma relação intrínseca e dialética, que se compreende no duplo sentido: todo o ato educativo veicula valores, a educação é na sua essência um valor.” (Fonseca, 2005, p.108). Esta simbiose centra-se essencialmente nas crianças e o seu principal objetivo consiste em promover a construção de valores que possam favorecer uma melhor compreensão e intervenção do mundo que nos rodeia. Partimos do princípio, e corroborando a ideia de Vasconcelos (1998) que “toda a atividade pré-escolar [e escolar] deve ser conduzida de acordo com valores democráticos fundamentais. Cada um e todos aqueles que trabalham em instituições para a infância devem promover o respeito pelo valor intrínseco de cada pessoa” (p.7).

Para procurarmos contribuir positivamente na resposta à problemática elencada, traçamos três objetivos: (i) promover a construção de valores que possam favorecer uma melhor compreensão e intervenção sobre o mundo que nos rodeia; (ii) compreender a importância que o quotidiano assume na construção de valores; (iii) analisar a perceção em relação aos valores.

Ao nível da estrutura do relatório, este está, para além da introdução e das considerações finais, dividido em cinco partes: o enquadramento teórico, a caracterização dos contextos, o enquadramento metodológico, a descrição e análise das experiências de aprendizagem realizadas nos três contextos e a análise e interpretação dos dados

recolhidos. No enquadramento teórico apresenta-se o estado da arte e encontra-se dividido em três subtópicos: a educação em valores na infância, orientações e fundamentos sobre a educação em valores e o papel do educador/professor na promoção de uma educação em valores. No primeiro falaremos brevemente do conceito de valores e a sua importância na infância. No subtópico número dois iremos aprofundar conhecimentos sobre de que forma estão presentes os valores nos documentos oficiais para a educação pré-escolar e para o 1.º CEB. E, por último uma reflexão sobre o papel do educador e do professor neste caminho.

A segunda parte deste relatório foca-se na caracterização dos contextos e, por isso, ao longo deste tópico daremos a conhecer os locais onde realizamos a PES, os grupos e as suas rotinas. No ponto seguinte do relatório descrevemos as opções metodológicas e a contextualização da investigação. Ao longo deste tópico iremos responder às questões “porquê”, “como” e “de que forma”, ou seja, a justificação do tema, os objetivos que nos guiam nesta investigação e os instrumentos e técnicas utilizadas na recolha de dados. Salientamos que o nosso estudo se enquadra numa abordagem qualitativa que é suportada pelas técnicas: observação participante, onde são utilizados o diário de bordo, os registos fotográficos e os diálogos reflexivos como instrumentos, e o inquérito por questionário que tem como instrumento de recolha de dados, o inquérito por questionário às crianças do 1.ºCEB. No quarto ponto fazemos a descrição e análise das experiências de aprendizagem desenvolvidas nos diferentes contextos de PES. Por último apresentamos os dados que surgiram do inquérito por questionário realizado no grupo de crianças do 1.º CEB.

Para terminar este relatório apresentamos as considerações gerais respondendo aos objetivos delineados e ainda as referências bibliográficas utilizadas para fundamentar o relatório.

## **1. Enquadramento Teórico**

Aprender também é sinónimo de investigar, por isso neste ponto vamos debruçar-nos sobre alguns conceitos e documentos que achamos importante conhecer. Esta investigação divide-se em 3 pontos principais: Educação em valores na infância, orientações e fundamentos sobre a educação em valores e, o papel do educador/professor na promoção de uma educação em valores.

No primeiro ponto aprofundamos os conhecimentos sobre o conceito de valores a partir de vários autores, conhecer os valores presentes no perfil do aluno (2017) e, ainda perceber qual a importância da educação para a cidadania nas escolas. No segundo ponto procuramos perceber de que forma estão os valores presentes nos documentos oficiais dos contextos educativos (educação pré-escolar e ensino do 1.ºCEB) e, ainda entender o papel do educador e do professor neste desafio que é construir valores em contextos educativos.

### **1.1. Educação em valores na infância**

Definir a palavra valores não é tarefa fácil. Depois de algumas leituras e tendo por base as ideias de alguns autores como Fernandes (2005), García & Rovira (2007), Silva, Marques, Mata & Rosa (2016), Georgen (2005) e Moreira (2014) entendemos que este conceito se foi alterando ao longo do tempo.

Fernandes (2005), diz-nos que os valores se assumem como “um conjunto de significados e símbolos que dão sentido à realidade” (p.111). E na mesma linha de pensamento, García e Rovira, (2007) definem valores como “guias de conduta que atuam quando a pessoa se encontra em situações controversas”, sublinhando que “Os valores dão sentido à maneira de fazer e de viver de cada indivíduo, e o orientam quando temos de enfrentar situações complexas (p.25). Segundo o dicionário da Porto Editora, (s.d.), os valores “correspondem a maneiras de ser ou de agir reconhecidas como desejáveis” (s.p).

Também as orientações curriculares para a educação de infância (OCEPE) coordenadas por Silva, et al., (2016) procuram apresentar uma definição de valores dizendo que são “conceitos abstratos”, distinguindo-se “da generalidade dos conceitos abstratos por terem um referente social” (p.47). Desta forma, as autoras dizem, que os valores podem ser vistos como “guias para a ação ou critérios de ação” (p.48), especificando ainda que os valores ético-morais são usados para “justificar o próprio

comportamento aos outros (ou a si próprio), ou para julgar o comportamento dos outros.” (p.47).

Por outras palavras, os valores são as razões que justificam as nossas ações, ou seja, os valores são critérios conforme os quais valorizamos ou desvalorizamos a realidade que nos rodeia.

O estudo dos valores é designado por axiologia e axia, termo derivado do grego, significa valores (Georgen, 2005).

Em relação aos valores humanos, que é onde nos focamos mais ao longo deste relatório, segundo Moreira (2014), são o “conjunto de princípios, ideias, sentimentos e/ou regras estabelecidas por uma comunidade para todos os indivíduos” (p.7). Conhecer os valores humanos é essencial para viver em sociedade, por isso, a comunidade educativa deve proporcionar momentos de promoção de valores.

A educação tem como objetivo, no ponto de vista de Delors, et al., (1998), “ajudar a compreender o mundo e o outro, a fim de que cada um se compreenda melhor a si mesmo” (p.50). Logo os primeiros anos de vida são essenciais “para o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais, bem como para o desenvolvimento de atitudes e valores estruturantes para aprendizagens futuras” (Silva, et al., 2016, p.4). E a escola, pensamos, poderá ser pedra angular neste processo, embora na sociedade, esta premissa não seja consensual.

Um dos grandes dilemas que Andrade (1992) apresenta é se a escola tem ou não um papel na educação das crianças. Esta dúvida surge porque, por um lado, a escola é vista como apenas um local de transmissão de conhecimentos, ou seja, um local onde é possível separar a educação intelectual e a educação moral. Por outro lado, promover os valores na escola é “contribuir para a continuidade justificada ou para a mudança racionalmente desejável” (p.31), ou seja, o facto dos professores trabalharem os valores na escola dá ferramentas às crianças para saberem escolher o mundo para elas e para o mundo.

García e Rovira, (2007) salientam que educar em valores é ajudar as crianças a aprender a viver. Viver sem maltratar nem prejudicar ninguém. Ter como valores principais a felicidade, a justiça e o respeito pelo outro. E na mesma linha, e numa perspetiva mais atual, Silva, et al., (2016) defendem que a educação em valores na infância é considerada essencial para desenvolver atitudes, valores e disposições nas crianças para estas se tornarem cidadãs autónomas, conscientes e solidárias.

Ora, ensinar a viver não será apenas transmitir saberes, mas sim “saber fazer”, e García e Rovira (2007) questionam-se sobre quais as competências para ensinar a viver e respondem elencando sete competências a saber: i) ser ele próprio, ii) reconhecer o outro, iii) facilitar o diálogo, iv) regular a participação, v) trabalhar em equipa, vi) fazer uma escola melhor e trabalhar em rede. Ou seja, competências essencialmente de índole pessoal e social.

No livro Educação um tesouro a descobrir, coordenado por Delors, et al., (1998) a educação, como o título indica, é algo de muito valioso que cada pessoa tem e por isso ela deve “fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (p.89). Os autores falam ainda dos pilares para uma educação para o século XXI, onde surgem o “aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas” (p.90) e o “aprender a ser”, devendo a educação contribuir para o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Pensamos que desta forma, é essencial que se deixe de olhar para a escola apenas como o local de aquisição de conhecimentos e que esta passe a ser considerada um sítio onde se privilegia a pessoa na sua globalidade e conseqüentemente o aprende a ser (Delors, et al., 1998).

Posto isto, os contextos educativos têm um papel muito importante no crescimento moral de cada criança, por isso, os educadores/professores devem promover a educação em valores nas instituições escolares desde cedo, pois os primeiros anos de vida são cruciais para a criança definir a sua personalidade e o seu modo de estar na vida.

## **1.2. Orientações e fundamentos sobre a educação em valores**

A educação tem como base vários documentos oficiais dos diferentes contextos educativos, sendo que na creche temos as orientações pedagógicas para a creche (OPC), na educação pré-escolar o alicerce as orientações curriculares para a educação pré-escolar (OCEPE). Já no 1.º CEB, e no que diz respeito especificamente à educação em valores, temos documentos de apoio como: as aprendizagens essenciais (AE) de Cidadania e Desenvolvimento, a estratégia nacional de educação para a cidadania (ENEC), o referencial de educação para o desenvolvimento (RED) e o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória (PASEO), sem esquecer a lei de bases do sistema educativo

(LBSE), pois é considerada um dos documentos mais importante na educação (se não, o mais importante).

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) é, por assim dizer, o guia de todos contextos obrigatórios (desde a educação pré-escolar ao ensino secundário), ou seja, é a lei que define os princípios de cada nível de ensino, assim como os seus objetivos. A LBSE tem cinco princípios gerais, mas dois deles representam a importância da educação em valores em contexto educativo para a vida das crianças:

O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.

A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva. (pp. 3-4)

Também dois dos seus princípios organizativos dizem-nos que o sistema educativo está organizado para

contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-lhe para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico” e ainda “assegurar a formação cívica e moral dos jovens (p.4).

A creche é o contexto que acolhe crianças com meses de idade até aos três anos e como todos os contextos, este também tem uma base orientadora para o desenvolvimento do currículo: orientações pedagógicas para a creche (OPC). Este documento está dividido em duas partes: a primeira diz respeito aos fundamentos, finalidades e objetivos educativos e a segunda apresenta aspetos para realizarmos práticas pedagógicas de qualidade. No que diz respeito às finalidades educativas para o contexto de creche, Portugal, Carvalho, & Bento (2016) destacam três: desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima, desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório e, desenvolvimento de competência social e comunicacional. No OPC para cada uma destas finalidades são apresentados os objetivos educativos. No que concerne ao

desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima destacamos os objetivos: capacidade para fazer escolhas e tomar decisões de forma autónoma; confiança em si próprio, evidenciada na capacidade para lidar com mudanças ou incertezas e enfrentar riscos sem ansiedade ou medo desmesurados e, atitudes e sentimento de ligação ao mundo social e natural, cuidando do ambiente e ajudando os outros no desempenho das suas tarefas ou rotinas. Em relação à finalidade desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório temos como um dos objetivos: uma atitude para compreender o seu mundo, objetos, pessoas, comportamentos, interagindo com outros, brincando e explorando ativamente, questionando, desenvolvendo, testando e aperfeiçoando as suas ideias acerca do mundo, de si próprio e dos outros. Como objetivos da finalidade desenvolvimento de competência social e comunicacional destacamos: competências de responsabilidade e reciprocidade, como aguardar a sua vez ou dar e receber; capacidade para iniciar, manter e desfrutar de uma relação com outras crianças e adultos, incluindo lidar com conflitos, negociar, ter em consideração o ponto de vista do outro e ajudar outros, etc; e, sentido de responsabilidade e respeito por regras e limites comuns (Portugal, Carvalho, & Bento, 2016).

Como podemos confirmar com os objetivos anteriormente mencionados, verificamos que na creche a educação em valores é valorizada, pois vários são os que valorizam e promovem a formação pessoal e social da criança.

Em relação ao contexto de educação pré-escolar, a LBSE apresenta os objetivos deste contexto, dos quais destacamos: estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades; e, contribuir para a estabilidade e segurança afetivas da criança; favorecer a observação e a compreensão do meio natural e humano para melhor integração e participação da criança; desenvolver a formação moral da criança e o sentido da responsabilidade, associado ao da liberdade.

Segundo Silva, et al. (2016), nas OCEPE a construção de valores aparece, essencialmente, na área de conteúdo de formação pessoal e social. Esta é uma área transversal, que está presente em todo o trabalho realizado no JI, embora tenha conteúdos e intencionalidades próprias.

A área de formação pessoal e social centra a sua atenção no desenvolvimento de atitudes, valores e disposições através do relacionamento da criança consigo própria, com os outros e com o mundo que a rodeia. A partir destas relações, as crianças vão criando

referências com o objetivo de perceber o que está certo ou errado, quem é, a importância de respeitar o outro e ainda, conhecer os direitos e os deveres de cada um na sociedade, tornando-se cidadã autônoma, consciente e solidária. Esta área de conteúdo é transversal a outras áreas, fazendo-se inúmeras aprendizagens, “entendendo-se essas aprendizagens como correspondendo a um processo progressivo que, realizado ao longo da educação pré-escolar, terá continuidade ao longo da vida (p. 34)”. Consideram-se quatro componentes como sendo relevantes nas aprendizagens: construção da identidade e da autoestima; independência e autonomia; consciência de si como aprendiz; convivência democrática e cidadania.

A primeira componente aborda questões como conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outras pessoas e, reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural. Contribui, de certa forma, para a construção da identidade da criança, levando-a a conhecer-se como um ser único com as suas características individuais, melhorando a autoestima e fazer com que se sintam aceites por todos (Silva, et al., 2016).

A segunda componente diz respeito à independência e autoestima, promovendo o saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar e, ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros. Desta forma, ser independente, na educação pré-escolar, é ser capaz de cuidar de si e dos materiais e, ser autónomo é ser capaz de fazer escolhas e tomar decisões assumindo as responsabilidades (Silva, et al., 2016).

As aprendizagens que a criança deve adquirir em relação à componente consciência de si como aprendiz são: ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam; ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem, e, cooperar com os outros no processo de aprendizagem (Silva, et al., 2016). Isto quer dizer que a criança deve ser incluída nos processos de decisão tendo assim liberdade de fazer propostas e colaborar nas propostas de outras pessoas e, ainda deve ser ouvida nos processos de aprendizagem, ou seja, em conversas com o educador até com o grupo, perceber de que forma a criança realizou determinada tarefa e que aprendizagens fez. A criança constrói uma consciência das suas aprendizagens que levará a uma persistência, uma autoconfiança e um gosto por aprender que irá acompanhar a criança ao longo da vida (Silva, et al., 2016).

Por último, a convivência democrática e cidadania salienta como aprendizagens: desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de

responsabilidade social; respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros; desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia; conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação. Esta componente é valorizada a opinião de cada criança e o respeito pelo outro como ser, pelas suas opiniões e pelo mundo que é de todos. Aqui está distinguida também a educação para a cidadania, isto é, a “formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres, em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo” (Silva, et al., 2016, p.39).

Quanto aos objetivos do 1.º CEB, e no que diz respeito a esta questão dos valores, podemos elencar os seguintes: assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspetiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional; proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária.

Num olhar mais atento aos documentos oficiais para o 1.º CEB, podemos verificar que a educação em valores está presente na componente curricular de cidadania e desenvolvimento. A cidadania e desenvolvimento aparece como área transversal, da responsabilidade de todos, sendo abordada em todas as áreas de conhecimento, potencializando a dimensão globalizante do ensino neste ciclo. Tem como objetivo “contribuir para o incremento de atitudes e comportamentos, de diálogo e respeito pelos outros, alicerçados em modos de estar em sociedade que tenham como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social” (Educação M., 2018, p.6).

Um outro documento em que a educação e valores está plasmada, é Estratégia nacional de educação para a cidadania (ENEC) e tem como principal missão contribuir para a implementação de práticas de educação e cidadania para serem desenvolvidas nas escolas. Neste documento Monteiro, et al., (2017) apresentam-nos

um conjunto de direitos e deveres que devem estar presentes na formação cidadã das crianças e dos jovens portugueses, para que no futuro sejam adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de conceitos e valores de cidadania democrática, no quadro do sistema educativo, da autonomia das escolas e dos documentos curriculares em vigor (p.1).

Monteiro, et al., (2017) destacam que a educação para a cidadania está presente em todos os níveis de ensino, mas de diferentes formas, pois os diferentes domínios da educação para a cidadania estão divididos por três grupos (tabela 1).

**Tabela 1.** Grupos temáticos presentes na ENEC

1.º Grupo: Direitos Humanos (civis e políticos, económicos, sociais e culturais e de solidariedade); Igualdade de Género; Interculturalidade (diversidade cultural e religiosa); Desenvolvimento Sustentável; Educação Ambiental; Saúde (promoção da saúde, saúde pública, alimentação, exercício físico).
2.º Grupo: Sexualidade (diversidade, direitos, saúde sexual e reprodutiva); Media; Instituições e participação democrática. Literacia financeira e educação para o consumo; Segurança rodoviária; Risco.
3.º Grupo Empreendedorismo (na suas vertentes económica e social); Mundo do Trabalho; Segurança, Defesa e Paz; Bem-estar animal; Voluntariado.

O primeiro grupo é considerado obrigatório em todos os anos de escolaridade e é onde encontramos áreas transversais como os direitos humanos, a igualdade de género, a interculturalidade, o desenvolvimento sustentável, a educação ambiental e a saúde. No grupo número dois temos como áreas a sexualidade, o media, as instituições e participação democrática, a literacia financeira e educação para o consumo, a segurança rodoviária e o risco, que devem ser abordados em pelo menos dois ciclos do ensino básico. O último grupo é considerado opcional em qualquer ano de escolaridade e contém temas como o empreendedorismo, o mundo do trabalho, a segurança, defesa e paz, bem estar animal e voluntariado (Monteiro, et al., 2017).

Estes temas podem ser abordados a partir de dois níveis, ao nível de cada turma e ao nível global da escola, num olhar transversal e global. Os domínios a ser trabalhados em todos os contextos devem ser decididos pelos profissionais responsáveis pelos grupos/turmas tendo por base a realidade em que se encontram.

Aqui, o papel da escola é essencialmente promover práticas quotidianas com base nos valores e princípios de cidadania para proporcionar “um clima aberto e livre para a discussão ativa das decisões que afetam a vida de todos os membros da comunidade escolar” (Monteiro, et al., 2017, p.10). Também é essencial que a escola desenvolva projetos em parceria com entidades da comunidade proporcionando um trabalho conjunto.

A ENEC salienta também a ideia de que a educação em valores em contextos educativos é essencial ao longo de todos os anos de escolaridade e deve ser um trabalho conjunto entre a comunidade escolar e as entidades da comunidade, tendo sempre por base os documentos oficiais da educação.

O perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória (PASEO), que é um documento oficial que visa criar um quadro de referência para todos os alunos que salienta a liberdade, a responsabilidade, a valorização do trabalho, a consciência de si próprio, a inserção familiar e a comunitária e a participação na sociedade que nos rodeia, vai ao encontro da ENEC. No PASEO podemos ver a valorização de um dos maiores objetivos da educação, que é a formação de pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos. Apresenta-se como um documento chave nesta investigação porque estabelece a matriz de princípios, valores e áreas de competências a serem trabalhados e desenvolvidos na escolaridade obrigatória. Este documento também valoriza a importância do papel da escola na promoção de valores para criar cidadãos autónomos, responsáveis e ativos priorizando a diversidade e a complexidade como fatores para a aprendizagem ao longo dos anos de escolaridade (Martins, et al., 2017).

Segundo Martins, et al., (2017) todas as crianças e jovens devem ser encorajados, nas atividades escolares, a desenvolver e a pôr em prática os seguintes valores, que por sua vez devem fazer parte da cultura de escola: a liberdade, a responsabilidade e integridade, a cidadania e a participação, a excelência e a exigência, e, por último, a curiosidade, reflexão e inovação (figura 1).

### **Figura 1**

*Esquema Concetual do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.*



Temos então valores como:

Responsabilidade e integridade – Respeitar-se a si mesmo e aos outros; saber agir eticamente, consciente da obrigação de responder pelas próprias ações; ponderar as ações próprias e alheias em função do bem comum.

Excelência e exigência – Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação; ser perseverante perante as dificuldades; ter consciência de si e dos outros; ter sensibilidade e ser solidário para com os outros.

Curiosidade, reflexão e inovação – Querer aprender mais; desenvolver o pensamento reflexivo, crítico e criativo; procurar novas soluções e aplicações.

Cidadania e participação – Demonstrar respeito pela diversidade humana e cultural e agir de acordo com os princípios dos direitos humanos; negociar a solução de conflitos em prol da solidariedade e da sustentabilidade ecológica; ser interventivo, tomando a iniciativa e sendo empreendedor.

Liberdade – Manifestar a autonomia pessoal centrada nos direitos humanos, na democracia, na cidadania, na equidade, no respeito mútuo, na livre escolha e no bem comum.

O PASEO reforça ainda a ideia de que a escola tem o papel de formar cidadãos com base em valores, isto é, no respeito por si e pelo próprio, na consciência dos direitos e deveres de todos, na solidariedade, na coragem de lutar pela justiça sem prejudicar ninguém, na liberdade de escolha e na paz.

Para terminar esta exposição, podemos referir que todos estes documentos demonstram a importância da educação em valores em contextos educativos, bem como a sua prioridade nos tempos que correm, redefinindo-se o horizonte axiológico da educação num compromisso com a cidadania democrática. Estes documentos são

essenciais para um bom planejamento de estratégias e atividades que promovam a educação em valores nas comunidades educativas, pois, não há dúvidas que a escola tem um papel fundamental no compromisso assumido com a formação holística das crianças.

### **1.3. O papel do educador/professor na promoção de uma educação em valores**

Educar, pela grandiosidade da missão, tem de ser um desafio de todos e somos de opinião que o educador/professor não pode constituir-se como exceção, uma vez que tem um papel predominante nesta educação de e em valores, visto que partilham muitas horas do seu dia com crianças e, conseqüentemente muitas vivências, aprendizagens, vitórias e derrotas.

Na educação pré-escolar e ensino básico a formação do cidadão, a partir da aprendizagem em valores, deve ser valorizada na escola e nas diferentes áreas e componentes do currículo. E neste sentido, o educador/professor no seio da instituição educativa é imprescindível na implementação de verdadeiras e exemplares práticas de cidadania exercendo a cidadania (Ribeiro, 2011). Neste sentido, corroboramos a ideia de Torres, et al., (2016), quando afirmam que

a escola deve assumir um papel fundamental, em todos os níveis e ciclos de educação e ensino, proporcionando a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades e a promoção de valores, atitudes e comportamentos que permitam às crianças e aos jovens a compreensão crítica e a participação informada perante desafios locais e globais que se colocam à construção de um mundo mais justo, inclusivo e solidário (p.5).

Pensamos que o educador/professor tem um papel relevante na aprendizagem em valores, pois as crianças veem as suas atitudes como exemplo. Na mesma linha de pensamento, Silva, et al., (2016) dizem que os educadores/professores “ao demonstrarem atitudes de tolerância, cooperação, partilha, sensibilidade, respeito, justiça, etc. ...” (p.33) seja às crianças, ou aos adultos, estão a contribuir para o crescimento da criança enquanto ser humano, pois é na relação com os outros que a criança aprende a reconhecer e respeitar os seus valores e os daqueles que a rodeiam.

Sublinham ainda as autoras supracitadas que

É nessa inter-relação que a criança vai aprendendo a atribuir valor aos seus comportamentos e atitudes e aos dos outros, reconhecendo e respeitando valores que são diferentes dos seus. A educação pré-escolar tem um papel importante na

educação para os valores, que não se “ensinam”, mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros. (p.33)

O educador/professor deve priorizar o bem-estar de cada criança valorizando as relações positivas entre todos os intervenientes do processo educativo, nomeadamente com a família e a comunidade. Este é assim responsável por desenvolver um trabalho colaborativo entre os vários contextos educativos (Portugal, Carvalho, & Bento, 2016).

O educador/professor também é um cuidador, não se podendo dissociar o cuidar e do educar. O educador/professor deve assumir-se como alguém tolerante, cooperativo, sensível, respeitoso, justo e não deve ser egoísta, pois, as crianças são o reflexo do que veem e vivem (Silva, et al., 2016).

Segundo Monteiro, et al., (2017), os professores que implementam a componente de cidadania e desenvolvimento terão de demonstrar um perfil adequado para exercer a sua função, devendo:

- a) saber identificar e ter respeito pelas diferenças culturais de alunos/as e da restante comunidade educativa;
- b) saber criar situações de aprendizagem para os/as alunos/as desenvolvem pensamento crítico, trabalho colaborativo e resolução de problemas;
- c) saber potenciar situações de aprendizagem em articulação com a comunidade;
- d) ter experiência de coordenação de equipas e capacidade organizativa;
- e) frequentar/ter frequentado ações de formação sobre Educação para a Cidadania;
- f) possuir competências de trabalho, nomeadamente, em metodologia de projeto;
- g) possuir competências de utilização de meios tecnológicas;
- h) conseguir estabelecer e manter relações empáticas com discentes;
- i) sentir-se motivado para desempenhar tarefas, sem imposição superior;
- j) ser reconhecido pelo conselho de turma como o/a docente adequada/o à coordenação da Educação para a Cidadania da respetiva turma (p.14)

O educador/professor tem ainda a desafiante “missão de preparar os alunos para a vida” (ME, 2018, p. 2), isto é, dar-lhes ferramentas para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas, promovendo a tolerância e não a discriminação. Espera-se que o educador/professor tenham “formação na área da cidadania, motivação para a abordagem desta área e para a utilização de metodologias de projeto, bem como experiência na coordenação de equipas pedagógicas” (Educação, 2018, p.2).

Para Fonseca (2001) citado por Oliveira (s.d)

os professores possuem uma missão complexa, mas, simultaneamente, nobre e grandiosa, ou seja, a formação dos «cidadãos do amanhã» (...) a educação para cidadania deve ser, antes de mais, uma condição de sucesso do trabalho de qualquer educador em geral e, em particular, de qualquer professor (p.8).

Neste contexto, o educador/professor assume assim o papel de mediador do conhecimento que vai orientar as aprendizagens e o que facilitará o desenvolvimento de competências relacionais e pessoais (Ribeiro, 2011).

O educador/professor envolvido na aprendizagem da cidadania poderá ser aquele que tem “disponibilidade para ouvir, que privilegie metodologias ativas e participativas, que crie na criança o gosto por aprender a aprender, que eduque para a sociedade de hoje, que procure formas negociadas de resolução de conflitos, privilegiando uma educação democrática” (Ribeiro, 2011, p.205).

O educador/professor não tem o papel de formatar as crianças, nem tem o papel de tomar decisões por elas, mas deve indicar caminhos que permitam à criança ter capacidade para saber escolher bem, que lhe permita ver o mundo como um lugar de todos e que sinta a responsabilidade social, como algo precioso.

Para terminar, sublinhamos a ideia que tal como a escola deverá contribuir para a construção do cidadão, o educador/professor tem uma grande responsabilidade nesta tarefa. Sem a sua total disposição e dedicação, nada será implementado ou desenvolvido. A promoção de estratégias e atividades que fomentem a educação em valores ao longo de todo o percurso educativo deve ser um processo contínuo e que contribua para termos crianças mais críticas e solidárias, responsáveis, cidadãs, priorizando valores como o respeito, a partilha e o amor, a amizade e a solidariedade, entre outros.

## **2. Caracterização dos contextos educativos**

Neste ponto apresentamos a caracterização dos três contextos onde desenvolvemos a PES, nomeadamente a creche, o JI e a escola do 1.º CEB. Em cada um destes contextos educativos partilharemos detalhadamente a contextualização da instituição, a caracterização do grupo de crianças, a organização do tempo e a caracterização do espaço. Estas informações foram recolhidas através da observação participante, de documentos institucionais e através de conversas informais com as educadoras/professoras cooperantes.

### **2.1. O contexto educativo de creche**

O estágio curricular da creche decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) na cidade de Bragança.

Esta instituição rege-se pelos seguintes valores: solidariedade, assertividade, altruísmo, flexibilidade, humanismo, transparência e equipa. A instituição tem vários espaços para abraçar vários desafios desde a creche ao centro de dia, passando pela educação pré-escolar, as eucaristias para a comunidade e a catequese, sem esquecer o acolhimento a jovens mulheres.

A creche está dividida pelo rés-do-chão, o 1.º e 2.º andar. No rés-do-chão faz-se o acolhimento matinal e tem uma cozinha, refeitório e a ludoteca. No 1.º andar estão as salas da creche (0-2 anos), com berçário e dormitórios. E o último piso está destinado às crianças dos 2/3 anos de idade.

Cada sala de atividades tinha materiais apropriados a cada faixa etária e era organizada e decorada por cada educadora e crianças, consoante o tema e a partir dos objetivos delineados quer pela educadora, quer pelos gostos das crianças. Os espaços comuns eram decorados por toda a comunidade escolar a partir das festividades que se avizinhavam.

O grupo com o qual trabalhámos tinha onze crianças: seis do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Havia crianças desde os vinte e dois meses até aos trinta e dois meses. O grupo era heterogéneo desde as suas habilidades aos gostos, era assíduo, participativo e com vontade de aprender. Neste grupo havia uma criança com epilepsia, o que merecia especial atenção de todos, incluindo das crianças.

Em relação ao desenvolvimento motor, a subida e descida de escadas diariamente demonstra que algumas crianças conseguiam fazê-lo de uma forma autónoma, com o apoio do corrimão, e outras ainda precisavam de auxílio da educadora ou auxiliar para

fazê-lo. No que diz respeito à “hora da sesta” conseguimos observar que algumas crianças adormeciam muito bem sozinhas e outras demoravam mais tempo a acalmar para dormir precisando até da presença da educadora/auxiliar por perto.

A rotina diária estava já bem enraizada pelas crianças e permitia-lhes conhecer a sequência dos momentos do dia-a-dia e entendê-los e ao mesmo tempo transmitia-lhes segurança e confiança. Olhando para a tabela 1 podemos sublinhar que o dia iniciava com o acolhimento, seguindo-se as atividades na sala (uma parte de manhã e outra parte à tarde) e a higiene antes dos lanches (da manhã e de tarde) e do almoço. A sesta também fazia parte da rotina destas crianças. Com o passar do tempo e com a repetição da rotina, as crianças demonstravam cada vez mais conhecimento sobre os vários momentos do dia.

**Tabela 2.** *Rotina diária da creche*

<b><u>Horário</u></b>	<b><u>Momento</u></b>
<b>7h30h às 9h</b>	Acolhimento
<b>9h30 às 10h30</b>	Atividades na sala
<b>10h30 às 11h30</b>	Higiene e almoço
<b>11h30</b>	Higiene
<b>12h00 às 15h00</b>	Sesta
<b>15h00 às 16h</b>	Higiene e lanche
<b>16h00 às 17h00</b>	Atividades na sala de atividades
<b>17h00 às 19h</b>	Sala comum

Segundo Torrão (2015), o educador deve planificar o dia com tempo para que no momento que está a vivê-lo com as crianças possa dar atenção às crianças e não estar a pensar no que poderiam fazer a seguir. Se ele tiver tudo planeado e demonstrar segurança e confiança às crianças, estas irão retribuir estes sentimentos. Não esquecendo que nesta faixa etária as rotinas são essenciais, pois “as rotinas devem ser suficientemente repetitivas, visto que a repetição de ações permite às crianças explorarem, treinarem e desenvolverem as suas competências de forma confiante” (p.45).

No que diz respeito à organização, a sala dos “mochinhos encantados” estava organizada por áreas que se encontravam assinaladas a partir de mochos sendo elas: área da música, área da leitura e área da pintura e tinha também uma prateleira com diferentes

brinquedos, como: bolas, blocos de encaixe, animais, carrinhos, entre outras coisas. A sala era um local amplo e dava às crianças a possibilidade de explorar e brincar à vontade.

## **2.2. Caracterização do contexto educativo de Jardim de Infância**

O JI pertencia à rede pública e estava inserido num centro escolar de um agrupamento de escolas da cidade de Bragança. A instituição tinha como princípio fundamental a prestação de um serviço público e contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso dos alunos formando cidadãos europeus, dotados de valores estruturantes e de competências que se concretizem no sucesso de um percurso profissional e pessoal. Em relação aos seus valores, a instituição rege-se pelos valores da qualidade, equidade, participação e responsabilidade.

Esta instituição acolhe a educação pré-escolar e o 1.º CEB e, partilham os espaços comuns como: ginásio, biblioteca escolar, parque infantil e refeitório.

O grupo de crianças com o qual trabalhámos pode ser considerado vertical, pois tem crianças com diferentes idades, (três, quatro e cinco anos). Pudemos observar que, as crianças mais novas, viam as mais velhas, como um exemplo e as mais velhas eram o apoio e o guia constante das mais novas. Eram vinte crianças, nove do sexo masculino e onze do sexo feminino.

Para além da educadora e da auxiliar da ação educativa o grupo também era acompanhado pelos professores das atividades extracurriculares de espanhol e de música.

Uma das dinâmicas diárias do grupo era a escolha do responsável do dia e era um momento que as crianças gostam e valorizam muito. Esta escolha era realizada pela ordem na lista e todas as crianças tinham essa responsabilidade algum dia. O responsável tinha como tarefas a marcação das presenças de todas as crianças, a mudança do dia e do mês, assim como a meteorologia do dia, de distribuir os pacotes de leite no momento do lanche da manhã, de chamar as crianças sempre que tinham de fazer o comboio, definindo a ordem do mesmo (sendo ele sempre o primeiro na fila naquele dia) e, ainda realizar outras tarefas desde que fossem necessárias.

De uma forma geral, as crianças eram assíduas, pontuais, sociáveis, participativas, dinâmicas e ativas tinham um papel muito importante em todos os momentos, pois em conjunto com a educadora, planeavam o que se iria realizar ao longo dos dias. As crianças participavam na organização do ambiente educativo com a criação de regras de convivência, de rotinas diárias, construção de vários instrumentos de regulação de

organização do grupo (quadro das presenças, aniversários, calendário e quadro do tempo, identificação das áreas de trabalho). A avaliação das atividades também era um dos momentos mais importantes do dia porque era nesse momento que sabíamos a opinião de cada criança sobre cada atividade realizada.

A rotina diária é algo muito importante no contexto de jardim de infância, pois, como nos diz Rodrigues (2011) “a rotina é consistente, permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas à dimensão da criança no contexto dos acontecimentos que vão surgindo” (p.13). A rotina deve ser vista como guia para o dia obedecendo a horários, hábitos e procedimentos e, este guia deve ser construído, colaborativamente (educadora e a criança) para que seja mais fácil ela interiorizar e entender a sequência do dia.

Neste grupo, a rotina era vista como orientação para a dinâmica dos momentos do dia. As crianças mais velhas apresentam maior segurança, pois tinham mais experiência nos horários da rotina que já eram considerados hábitos diários: atividades, higiene, lanche/almoço e recreio (tabela 3).

**Tabela 3.** Rotina diária do jardim de infância

<u>Horário</u>	<u>Momento</u>
<b>7h 30 às 9h</b>	Acolhimento
<b>9h00 às 10h00</b>	Atividades em grande e pequeno grupo
<b>10h00</b>	Higiene, lanche e recreio
<b>10h30</b>	Atividades em grande e pequeno grupo
<b>11h30 às 14h</b>	Higiene e almoço
<b>14h00</b>	Atividades em grande e pequeno grupo
<b>15h40</b>	Momento de reflexão/avaliação dos momentos do dia/semana
<b>15h50-16h30</b>	Higiene e lanche

Em relação à rotina diária deste grupo é importante referir que há um momento, todas as segundas de manhã, para escutar as novidades das crianças, isto é, os momentos que elas querem partilhar sobre o seu fim de semana ou sobre algum momento da semana. As crianças costumavam trazer imensas partilhas de vivências com as famílias e a educadora escrevia tudo o que elas diziam para ficar registado e para haver interação com a família promovendo assim um trabalho conjunto. Sempre que possível, as crianças

tinham a oportunidade de brincar no recreio exterior e brincar nas áreas também era um momento do dia que todos gostavam muito por isso o dia era organizado para que isso fosse sempre possível.

A sala estava organizada em áreas: da garagem, das construções, da casa, da pintura, dos jogos e da biblioteca. Para cada área estavam definidos e representados, pelo número e pelo registo da criança, os números máximos de crianças em cada uma delas e em todas as áreas existem vários materiais apropriados às áreas para as crianças brincarem.

O centro da sala era o local de convívio em grande grupo. Os trabalhos das crianças estavam a decorar as paredes e também penduradas por cordas que ligam duas pontas da sala. A porta da sala também era um local decorativo, pois normalmente expunha trabalhos realizados pelas crianças, tendo sempre em atenção alguma festividade a ser vivida. A organização do ambiente educativo ajudava a estruturar o espaço e o tempo, criando condições para a interiorização das rotinas. Em relação ao material da sala, e também por causa da pandemia covid-19 que vivenciávamos, cada criança tinha os seus lápis e marcadores que estavam organizados em copos personalizados e identificados, assim como cada criança tinha uma capa para guardar os seus trabalhos.

Segundo Silva, et al., (2016), o ambiente educativo deve ser organizado e seguro. A organização do ambiente educativo deve também estar interligada com a organização do grupo, do espaço e do tempo, pois

Esta organização constituiu o suporte do desenvolvimento curricular, pois as formas de interação no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender. Importa, assim, que o/a educador/a reflita sobre as oportunidades educativas que esse ambiente oferece, ou seja, que planeie intencionalmente essa organização e avalie o modo como contribui para a educação das crianças, introduzindo os ajustamentos e correções necessários (p.24).

O educador tem um papel muito importante na promoção de um bom ambiente educativo, isto é, este deve manter o espaço organizado e limpo e oferecer materiais diversificados e estimulantes para as crianças. O ambiente educativo deste grupo, valorizava a segurança e promoção do bem-estar de todos.

### **2.3. Caraterização do contexto educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

O estágio curricular de 1.º CEB aconteceu numa escola do 1.º CEB da rede pública pertencente ao mesmo agrupamento do contexto de jardim de infância e do qual já fizemos a caracterização.

A turma do 4.º ano, com a qual estagiámos, era constituída por dezoito crianças, sendo que seis eram do sexo feminino e doze eram do sexo masculino. As crianças tinham nove e dez anos de idade. O grupo era heterogéneo desde as suas habilidades aos seus gostos. Era um grupo dinâmico, participativo e com vontade de aprender. Neste grupo havia ainda uma criança com necessidades educativas e grande parte das crianças tinha dificuldades de aprendizagem.

No 1.º CEB continua a ser muito importante a rotina diária das crianças, apesar de as crianças não terem as mesmas disciplinas todos os dias à mesma hora, a hora das refeições mantém-se todos os dias. Como estagiárias estivemos presentes três dias por semana (segunda-feira, terça-feira e quarta-feira) nas aulas de matemática, português, estudo do meio e educação artística, nomeadamente a expressão plástica, sendo que os horários e os tempos letivos eram diferentes nos três dias.

A sala estava organizada com secretárias em fila, com uma criança em cada secretária, respeitando deste modo as indicações da escola para fazer face aos contágios por COVID-19. Nas paredes havia trabalhos realizados pelas crianças sobre os mais diversos temas relacionados com os conteúdos lecionados.

### **3. Opções metodológicas e contextualização da investigação**

Neste tópico iremos procurar dar respostas às questões “o quê?”, “porquê?” e “como?”, relativamente à investigação que nos propusemos fazer. Iremos apresentar a justificação da temática apresentada, os objetivos desta investigação e as opções metodológicas utilizadas, assim como, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados, bem como a sua análise.

#### **3.1. Fundamentação da escolha do tema e objetivos da investigação**

Quando nos questionámos sobre qual o tema que queríamos investigar a resposta foi imediata: os valores na educação. Ainda não sabíamos bem como, mas tínhamos a certeza que seria relacionado com este tema, pois, na nossa opinião é tão importante valorizar o estudo de diversas matérias, como formar bons cidadãos. Deste modo, ao longo deste tópico pretendemos responder à questão “porque é que queremos realizar esta investigação?”, enumerando assim alguns indicativos que nos levaram a escolher esta problemática para fazer parte da nossa praxis.

Como já fizemos notar no enquadramento teórico, somos de opinião que a escola, como sendo o local onde as crianças passam mais tempo do seu dia, mais ainda do que com as suas próprias famílias, tem de assumir um papel preponderante na construção de valores para tornar as crianças cidadãos livres, críticos e conscientes.

Ao longo dos anos, a construção de valores em contexto educativo tem sido cada vez mais valorizada (Torres et al., 2016; Martins, et al., 2017; Monteiro et al., 2017; Silva et al., 2016) e como futuras educadoras e professoras sentimos necessidade em perceber como poderemos contribuir para a formação de melhores cidadãos ao nível humanitário.

Pensamos que a escola tem um papel fundamental no crescimento das crianças e por isso o tema deve continuar a ser relevante para todos e neste sentido a “escola pode contribuir para aprofundar o debate sobre os valores implícitos na sociedade e esclarecer o seu significado e relevância para a vida em comum” (Ribeiro, 2011, p.31).

Nunca é demais refletir sobre este tema e termos consciência de que o maior desafio que temos é educar. Para isso é importante estarmos preparados para uma sociedade em constante mudança priorizando os valores e dando importância a cada criança como única e especial, sendo necessário pensar que se “os ideais da sociedade estão a mudar (...) o arquétipo dos valores também se altera” (Ribeiro, 2011, p.29).

Por tudo isto, e por pensarmos que esta problemática deve ser amplamente difundida no meio educativo, traçamos os seguintes objetivos para nos guiarmos na

realização desta investigação: i) promover a construção de valores que possam favorecer uma melhor compreensão e intervenção do mundo que nos rodeia; ii) compreender a importância que o quotidiano (pré-)escolar assume na construção de valores; e iii) analisar a percepção das crianças em relação aos valores.

### **3.2. Natureza da investigação**

Na realização de uma investigação é preciso conhecer a sua natureza, assim como as técnicas e os instrumentos que podemos utilizar.

Neste projeto utilizámos como técnicas: a observação participante e o inquérito. Em cada uma das técnicas foram usados instrumentos de recolha de dados distintos. Assim na observação participante tivemos como instrumentos, o diário de bordo, os registos fotográficos e os diálogos reflexivos e no inquérito, o instrumento foi o guião do questionário.

A investigação qualitativa privilegia a compreensão dos problemas a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. Esta abordagem permite “descrever um fenómeno em profundidade através da apreensão de significados e dos estados subjetivos dos sujeitos” (Craveiro, 2007, p.203). A investigação qualitativa tem como objetivo “particularizar e compreender os sujeitos e os fenómenos na sua complexidade e singularidade” (p.203).

Sublinhamos ainda a intenção de Rios (2021), ao referir que “as pesquisas de cunho qualitativo optam por buscar pessoas ou fontes de dados que lhes deem respostas iniciais às suas indagações, a fim de alcançar seus objetivos” (p.14). E, na mesma linha, Bogdan e Biklen (2013) são de opinião que “a investigação qualitativa é descritiva”, uma vez que é muito rica em pormenores e a descrição deve ser minuciosa e muito próxima da realidade. Por norma acontece em situações naturais (como o ambiente educativo) e o investigador “interessa-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (pp. 49-50).

### **3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

Para concretizarmos esta investigação selecionámos como técnicas de recolha de dados a observação e o inquérito por questionário.

Em relação à observação, Costa, Moreira e Sá, (2021) consideram uma que é uma técnica que atua diretamente sobre os “participantes e interações entre os mesmos e o

meio em que se inserem, no âmbito da investigação em que o investigador é também participante” (p. 44).

Segundo Aires (2015), a “observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas” (pp.24-25). E a observação, sobretudo a observação direta e participante, foi a técnica que utilizamos para a recolha de dados. A observação direta e participante é “aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados” (Marques, et al., 1998, p.164) e que “consiste em estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida colectiva” (Marques, et al., 1998, p.197) valorizando assim uma observação “interior” dos acontecimentos. A observação participante acarreta algumas vantagens e desvantagens. No que diz respeito às vantagens são apontadas as seguintes: o captura de comportamentos e acontecimentos no próprio momento em que acontecem; a recolha de um material de análise espontâneo e, a autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras. Em relação às desvantagens são as dificuldades frequentemente encontradas para se ser aceite como observador pelos grupos em questão; o facto de o investigador não pode registar no momento que as coisas estão a acontecer e também não pode confiar unicamente na sua memória; e o problema da interpretação das observações.

Para tornar mais fiável e fiel as observações vivenciadas, recorreremos ao seu registo em forma de diário. O diário de bordo é considerado um dos instrumentos de recolha de dados da observação participante, sendo visto como uma “técnica narrativa que tem como propósito o registo de observações e reflexões do próprio investigador e que se revelam um elemento promotor do desenvolvimento do pensamento crítico” (p.45). Este instrumento foi utilizado desde o primeiro ao último dia da PES. Foram feitas descrições, anotações e comentários daquilo que vimos, ouvimos e vivenciámos. Ao longo deste relatório recorreremos ao diário de bordo para ilustrarmos o que disseram as crianças e para fazer contextualizações de atividades desenvolvidas. Os diálogos reflexivos dizem respeito às conversas que o investigador tem com o investigado ao longo da investigação. Os diálogos servem para saber a opinião dos entrevistados sobre a temática em estudo. Os diálogos são semiestruturados, uma vez que são pensados previamente, no entanto são conduzidos informalmente. Em todas as EEA procurámos conduzir estes diálogos de forma natural, fazendo com as crianças fossem dando a sua opinião e refletissem sobre os assuntos a trabalhar.

Outro instrumento de recolha de dados ao qual recorreremos, foi o registo fotográfico. As fotografias são muitas vezes consideradas essenciais numa investigação, pois a partir delas são encontradas informações que não estão presentes nas palavras. O registo fotográfico consiste na captação de momentos ou atividades e não pode ser visto como substituição das palavras, mas como complemento das reflexões realizadas (Moreira, Sá, & Costa, 2021). E foi precisamente isso que fizemos ao longo da PES, procurando registar tudo o que considerámos essencial.

O inquérito por questionário é visto como um “conjunto de perguntas. Cada pergunta tem como função produzir, com a sua resposta, a informação necessária” (Marques, et al., 1998, p.165) e tem como destinatário o sujeito interrogado. É essencial que “as perguntas sejam claras e precisas, isto é, formuladas de tal forma que todas as pessoas interrogadas as interpretem da mesma maneira” (Marques, et al., 1998, p.181). O questionário pode ser preenchido diretamente pelo inquirido – administração direta –, ou preenchido pelo inquiridor através das respostas do inquirido – administração indireta.

Para Marques, et al., (1998), o inquérito por questionário tem como principais vantagens: “a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação e, o facto de a exigência (...) de representatividade do conjunto dos entrevistados pode ser satisfeita através deste método” (p. 189). Em relação aos limites e problemas destacamos os seguintes: a superficialidade das respostas, que não permitem a análise de certos processos, a individualização dos entrevistados que são considerados independentemente das suas redes de relações sociais e, o carácter um pouco frágil da credibilidade. As dificuldades advêm, a maior parte das vezes, do papel do entrevistador, pois muitas vezes não estão motivados nem formados para realizarem este trabalho exigente.

Romão, et al., (2021) defendem que através do inquérito por questionário podemos “recolher e analisar informação mais facilmente, dado que se refere a um conjunto de perguntas básicas, de forma escrita, mas que dificulta a abordagem de determinados assuntos com profundidade” (p.44). Romão, et al., (2021), completam dizendo que é a técnica de recolha de dados mais comum em estudos de grande escala e tem como objetivo, obter as respostas de uma determinação população em estudo sobre a temática em estudo.

Pode ter três tipos distintos de questões: perguntas abertas, perguntas fechadas ou ser um questionário misto (com perguntas abertas e fechadas).

O inquérito por questionário que construímos tinha os três tipos de questões e serviu para saber a opinião das crianças sobre os valores humanos e sobre as famílias, sendo útil “quando o investigador pretende obter informação qualitativa que sirva, por exemplo, como complemento ou elemento indicador do contexto da informação quantitativa obtida” (Romão, et al., 2021, p.18).

#### **4. Descrição e análise das experiências de aprendizagem**

Neste tópico apresentamos e analisamos as experiências de ensino-aprendizagem mais significativas realizadas nos contextos de creche, JI e 1.º CEB. A realização destas EEA foi essencial para responder aos objetivos deste relatório. É importante referir que ao longo das EEA mantemos o anonimato de todas as crianças por questões de ética.

O ponto de partida de qualquer EEA é a observação. Observação das crianças, das suas atitudes e dos seus gostos, pois cada criança é única e singular. A segunda etapa é questionar, isto é, perceber o que queremos fazer, como queremos fazer e que objetivos queremos atingir e assim elaborar a planificação. Flexibilizar é muito importante neste percurso, pois, a planificação deve ser vista como uma base e não como algo que devemos seguir rigorosamente. Por último, saber inovar nas EEA é um grande desafio, pois as crianças são cada vez mais exigentes.

##### **4.1. Experiência de ensino-aprendizagem no contexto de creche**

O primeiro contexto que nos acolheu foi a creche. A criança começa na creche a relacionar-se consigo e com os outros e a conhecer alguns valores com as atitudes do dia a dia, por exemplo, com a partilha de brinquedos. Por esta razão, apesar de não ser muito reconhecida, a creche tem um papel muito importante no crescimento das crianças e conseqüentemente no seu relacionamento com o adulto e com as outras crianças, pois as experiências vividas nos três primeiros anos de vida são um alicerce muito importante para o seu desenvolvimento físico, afetivo e intelectual.

A creche é uma instituição de cariz socioeducativo que valoriza cada criança como um ser único e singular. Esta deve ser um local acolhedor, seguro e que promova a socialização entre crianças e entre adulto-criança e o desenvolvimento das mesmas, tendo como base um projeto pedagógico capaz de responder a estes desafios. Além disto é importante que o ambiente educativo seja calmo e a educadora seja tranquila para que a criança se sinta feliz e motivada para se descobrir a si e ao outro e aprender a viver em comunidade com base nos valores certos.

As experiências vividas pelas crianças nos primeiros tempos de vida são essenciais para o seu desenvolvimento e este é um grande desafio das famílias e dos educadores, pois as crianças necessitam de interagir com adultos sensíveis e atentos em lugares onde há respeito, amor e harmonia. A ligação criada entre as crianças e os adultos, seja a família

ou os educadores, é muito importante para que a criança se sinta segura e se desenvolva a nível cognitivo, social e emocional (Portugal, Carvalho, & Bento, 2016).

Nesta linha de pensamento, Portugal, Carvalho e Bento (2016) salientam ainda a valorização da “qualidade dos contextos de vida que a criança conhece” (p.9), ou seja, é essencial que o ambiente da creche e da família seja bom para ajudar as crianças a crescer curiosas, confiantes e aprendizes capazes.

Desta forma, pensamos ser também essencial considerar os valores humanos no início do crescimento das crianças e uma das formas que nós escolhemos para abordar os valores foi trabalhar os afetos com as crianças. E foi precisamente isto que procuramos implementar nas diferentes EEA que desenvolvemos neste contexto e passamos a descrever a EEA Caixa dos afetos.

#### **4.1.1. Caixa dos afetos**

Esta EEA aconteceu na primeira semana de intervenção, mais concretamente no dia 15 de novembro de 2021. Depois de duas semanas de observação do contexto percebemos que as atividades, para esta faixa etária, devem ser curtas e precisas e que devem acontecer na parte da manhã, pois é quando as crianças estão mais atentas e motivadas. Desta forma, as EEA eram sempre planeadas para a duração apenas de uma parte da manhã.

Esta semana de intervenção tinha como intencionalidades educativas: desenvolver o respeito pelo outro; cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras; promover a observação e apreciação de espetáculos teatrais e outras práticas performativas de diferentes estilos e características, verbalizando a sua opinião e leitura crítica; favorecer a criação de comportamentos de conservação da natureza e de respeito pelo ambiente; desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.

No que diz respeito a esta EEA em concreto, tinha como aprendizagens a promover: valorizar o afeto, o cuidado e o carinho entre as crianças, fomentar o respeito pelo outro e, centrada nos valores da amizade e do amor, pois achamos essencial abordar estes valores nesta faixa etária.

Depois de 2 anos de pandemia, as crianças tiveram de restringir um pouco o seu contacto com os outros e nós quisemos mudar um pouco isso com esta EEA, valorizando os afetos entre as crianças, através de abraços, beijos, “*passa-bem*” e acenos.

O início desta EEA foi marcado pela curiosidade das crianças quando encontraram uma caixa diferente em cima da mesa assim que entraram na sala de atividades (figura 2).

Para entender esta atitude, Portugal, Carvalho & Bento (2016), dizem-nos que as crianças, desde o seu nascimento, possuem “um enorme potencial de energia, de uma curiosidade natural para compreender e dar sentido ao mundo que as rodeia” (p.11) e uma grande abertura para o que é novo e diferente.

## **Figura 2**

*Caixa dos Afetos*



As crianças estavam sentadas nas suas almofadas encostadas à parede e nós sentamo-nos em frente a elas, no chão, com a caixa no colo. Começamos por explorar o exterior da caixa que tinha 6 imagens num dos lados da caixa e em que cada uma delas representava um afeto (“passa-bem”, “mais cinco”, abraço, beijinho, cumprimento de mão e um sorriso). Na tampa estavam as letras das palavras “Caixa dos afetos” em maiúscula. As crianças demonstraram logo interesse no início e assim mantiveram-se muito atentas à caixa, mais concretamente às imagens.

Em grande grupo, cada criança descreveu uma das imagens, com a nossa ajuda, e assim sucessivamente até todas as imagens terem sido descritas e depois lemos as palavras que estavam na tampa.

Em qualquer momento de aprendizagem a criança deve ser uma voz ativa nas decisões, pois como defendem Portugal, Carvalhal & Bento (2016), nas OPC, “a criança é acolhida e respeitada, promove um sentimento de bem-estar e a vontade de interagir com os outros e com o mundo” (p.10), ou seja, a criança sente-se mais motivada e feliz quando a sua voz é ouvida. Sempre que possível procurávamos dar oportunidade às crianças para falarem e decidirem, de modo a não serem os adultos a decidir tudo por elas.

Neste momento explicamos que estariam algumas imagens também no interior da caixa e o desafio era que cada criança, à vez, colocasse a mão dentro da caixa, sem olhar para o interior da mesma, e a partir da imagem que saísse teria de replicar o que representava a imagem, com todas as crianças. Inicialmente perguntámos quem queria começar e todas as crianças manifestaram interesse, então, para ser de uma forma organizada, começámos com uma criança que estava numa das pontas e assim foi.

Cada criança dirigiu-se à vez até à caixa para descobrir qual a imagem que tinha “apanhado” e posteriormente repetia o afeto com todas as crianças e, sem dizermos nada também o fizeram com as educadoras e connosco. As crianças demonstravam muita curiosidade para descobrir o afeto que lhes calhava e muito felizes quando eram elas a repetir o afeto e quando recebiam o afeto das outras crianças, mesmo que algumas crianças tenham sido mais tímidas no início.

Em seguida, dividimos o grupo em dois pequenos grupos com 3/4 elementos cada e uma parte do grupo foi connosco para as mesas e outra parte ficou a explorar os brinquedos da sala de atividades. Na mesa cada criança tinha uma folha com as 6 imagens dos afetos iguais às da caixa impressa e as 6 imagens dos afetos recortadas individualmente (figura 3).

### **Figura 3**

*Jogo por correspondência.*



Nesta parte da EEA o objetivo era que as crianças fossem capazes de fazer correspondência entre imagens, ou seja, colocar a imagem individual em cima da imagem igual a essa que estava na folha.

Quando o primeiro grupo terminou, os grupos foram trocados de lugar, ou seja, as que estavam a brincar foram fazer o jogo e as que estavam a fazer o jogo foram brincar.

O jogo está presente no dia-a-dia da criança como forma natural dela conhecer o mundo e é através do jogo que “a criança desenvolve relações interpessoais, cresce e desenvolve-se nas diferentes áreas: sensorial, moral, cognitiva, física e social” (Carvalho, 2013, p.21).

Carvalho (2013) defende ainda que o jogo é uma grande ferramenta de aprendizagem e de comunicação para o desenvolvimento da criança, principalmente na creche, pois a criança aprende principalmente através do jogo e das interações com o mundo e nesta faixa etária nota-se um grande crescimento em pouco tempo.

Enquanto as crianças realizavam o jogo por correspondência consegui perceber, com a observação, que algumas conseguiram fazer correspondência das imagens em pouco tempo, e outras demoraram um pouco mais, olhando para nós pedindo ajuda. Todas as crianças também reconheceram as imagens, como sendo as mesmas da caixa. É essencial salientar que este jogo por correspondência, foi o primeiro contacto que as crianças tiveram com jogos deste tipo na sala de atividades, pois ainda não tinham explorado nenhum na creche.

Foi um bom momento de brincadeira, principalmente porque na creche as crianças conhecem-se melhor a si e ao mundo através das experiências sensoriais, expressivas e corporais.

#### **4.2. Experiência de ensino-aprendizagem no contexto de Educação Pré-escolar**

O contexto de educação pré-escolar foi a nossa segunda paragem nesta aventura. Na instituição que nos acolheu todos os grupos eram grupos verticais, ou seja, grupos com crianças dos 3 aos 5 anos de idade.

No planeamento das atividades tivemos como base o projeto curricular da instituição que tinha como título “Arte(s) de Crescer...” e as OCEPE (Silva et al., 2016), valorizando sempre que possível a articulação das várias áreas e domínios de conteúdo.

A educação deve ser vista como contínua desde o nascimento até ao fim dos dias, pois o crescimento é diário. Segundo Silva, et al., (2016) os primeiros seis anos de vida são essenciais “para o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais, bem como para o desenvolvimento de atitudes e valores estruturantes para aprendizagens futuras” (p.4), pois nesta fase da sua vida a criança planifica o seu dia, circula entre atividade, gere desafios e experimenta coisas novas todos os dias, ou seja, é chamada “a desenvolver competências a nível mais elevado, comunicando e criando” (p.4).

A educação pré-escolar é “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (Silva, et al., 2016, p.5), e como tal prevê um desenvolvimento holístico da criança, privilegiando uma articulação entre as diferentes áreas e domínios que compõem as OCEPE (Silva, et al., 2016).

Nas EEA desenvolvidas no JI destacamos a Área de Formação Pessoal e Social, por ser transversal e por ser uma “área [que] incide no desenvolvimento de atitudes, disposições e valores, que permitam às crianças continuar a aprender com sucesso e a tornarem-se cidadãos autónomos, conscientes e solidários (Silva, et al., 2016, p.6).

Ao longo das intervenções neste contexto valorizámos a importância da relação da criança com o outro e com o meio para esta construir a sua personalidade com base no respeito pelo outro e na consciência do que está certo e do que está errado. Esta relação, temos noção, que é muito importante na educação para os valores.

Nesta linha de pensamento, planificamos algumas EEA cujo principal objetivo era despertar e valorizar a educação para os valores. Em todas as EEA a criança teve um papel importante nas decisões e nas execuções das atividades, pois é sempre importante valorizar a palavra da criança e fazê-la sentir-se segura e integrada nos desafios propostos.

#### **4.2.1. Eu digo obrigada!**

À semelhança do primeiro contexto, também neste contexto tivemos duas semanas de observação para conhecer as crianças e as suas rotinas, assim como a instituição e as metodologias que colocavam em prática.

Segundo as OCEPE (Silva et al., 2016), a observação e o registo são fundamentais para conhecer cada criança e o seu desenvolvimento e aprendizagem. Neste sentido, é essencial que se reflita sobre a sua prática com o objetivo de melhorar a qualidade da resposta educativa.

A planificação das EEA foi realizada semanalmente e cada semana tinha as intencionalidades educativas e áreas e domínios de conteúdo a desenvolver. A EEA *Eu digo obrigada* aconteceu na segunda semana de intervenção e esta semana teve como intencionalidades educativas: reforçar os valores na vida da criança; fortalecer a relação escola-família; proporcionar um novo olhar sobre a diferença; valorizar a participação das crianças na produção e exploração de materiais pedagógicos e, como áreas e domínios de conteúdo: formação pessoal e social – reconhecimento e respeito pelas diferenças e, identificação de valores; educação artística – pintura, colagem, identificação de cores e,

exploração de novos materiais; e, linguagem oral e abordagem escrita – comunicação oral e escrita.

Esta EEA usamos como base o livro “Eu digo obrigada” de Ana Oom aconteceu durante três dias e teve ainda como valores centrais a gratidão e a gentileza. *Eu digo obrigada* é um livro que retrata a história da ovelha Malé que queria agradecer à sua amiga girafa pela amizade, mas não sabia como. Até que um dos seus amigos lhe ensina a palavra obrigada e a importância dessa palavra. Assim que a ovelha Malé agradece à sua amiga girafa com uma pequena palavra, percebe realmente a magia dessa palavra.

A leitura de livros na educação pré-escolar é sempre importante, este em específico tinha como aprendizagens, promover a aquisição de novos vocábulos; compreender o valor de gratidão; reforçar a importância da escuta do outro; manifestar expressões de afeto.

Santos (2010) defende a leitura de histórias, principalmente na educação pré-escolar, pois, mesmo sabendo que as crianças não sabem ler, elas “desenvolvem comportamentos e atitudes características de um leitor” (p.13) com base no modelo do seu leitor que lhe serve como ponto de partida. Além de promover o desenvolvimento da linguagem e o enriquecimento do vocabulário, os momentos de leitura, também potenciam hábitos de leitura nas crianças. O autor salienta o papel do educador na motivação para a leitura de histórias, servindo como modelo, demonstrando interesse pela leitura, pois quanto mais isto se mostrar, maior será a probabilidade de a criança demonstrar esse interesse. O educador atento a estas questões deve promover diversas estratégias de leitura que apoiem a criança na exploração dos livros desenvolvendo assim a sua concentração, imaginação e curiosidade cada vez que conhece uma nova história.

Nesta EEA iniciámos com o momento pré-leitura, na leitura em si e no momento de pós leitura. Como já foi referido, as crianças nesta faixa etária ainda não sabem ler e uma das formas que utilizam para perceber a história é a partir das imagens, e por esta razão, como atividade de pré-leitura, explorámos o livro a partir da capa, mais propriamente das personagens que lá encontramos e logo algumas começaram a partilhar ideias sobre o que poderia acontecer na história.

A exploração do exterior do livro continuou a partir do título da história que iríamos conhecer, focando-nos na palavra “Obrigada” e nas questões “Porque será que diz obrigado/a? Será importante dizer obrigado/a? Porquê? Quem costuma dizer obrigado/a? Quando costumam dizer?” e maior parte das crianças disse que era muito importante dizer obrigado/a, partilhando momentos em que o fariam. Referiram momentos como quando

lhes dava presentes, quando os ajudava em alguma tarefa, sempre que sentiam que deviam agradecer aos outros.

Em grande grupo lemos a história e todas as crianças demonstraram grande interesse e concentração neste momento. No decorrer da leitura, enfatizamos os sentimentos das personagens, sempre com o interior do livro virado para as crianças para que elas conseguissem acompanhar a história também a partir das ilustrações da obra. Para terminar este momento de leitura, tivemos uma pequena conversa, também em grande grupo, sobre a história e sobre as conclusões e aprendizagens da mesma. Com esta história e em conjunto concluímos que a palavra “Obrigado” é muito importante na nossa vida e por isso, devemos sempre agradecer aos outros.

Como atividade de pós-leitura, cada criança é desafiada a fazer um desenho e escrever uma mensagem para agradecer a um dos familiares e posteriormente entregar ao destinatário (figura 4). Neste momento, levámos as crianças a reviver alguns dos momentos partilhados em família, reconhecendo o valor da família. As ideias expressas eram do género: “obrigada por cuidares de mim”, obrigado por seres meu amigo; “obrigada por brincares comigo”, agradeço por ter uma família como a minha”, entre outras mensagens de agradecimento que todas fizeram de forma entusiasta, reconhecendo tudo o que a família pode fazer por nós.

#### **Figura 4**

*Desenhos e mensagens de agradecimento para os familiares*



A educação de uma criança é um desafio conjunto da escola e da família. Corroboramos com a ideia de Sanches (2012), ao afirmar que a família é considerada como os pilares principais do desenvolvimento da criança. A família é considerada um

“espaço de afetos, de segurança, de aceitação e de relações estreitas e duradoiras” (p.86) e como “principal responsável pela educação e cuidado da criança” (p.86). Por outro lado, a escola tem um papel muito importante: complementar, mas não substituir o papel da família na educação.

Desta forma, é essencial que esta ligação seja fortalecida por ambas as partes, através de diversas estratégias. Nesta linha de pensamento, Silva, et al., (2016) defendem que haja um trabalho colaborativo entre a escola e a família, que as famílias sejam vistas como parceiros e que a ligação com a comunidade seja próxima.

O desafio do desenho e da mensagem de agradecimento para os familiares foi mais uma estratégia para conhecer a realidade familiar das crianças e para as conscientizar para a importância de agradecer. Com a realização desta EEA também salientamos a felicidade das crianças ao partilhar os momentos e as mensagens de agradecimento e ainda a ansiedade das mesmas para entregarem os desenhos e mensagens ao destinatário. Este desafio também proporcionou conversas entre as famílias e a educadora, partilhando a reação das crianças em casa e agradecendo pelo gesto.

Para perceber se a criança gostou da atividade ou tem sugestões, devemos mesmo perguntar-lhe, desta forma damos voz à criança valorizando a sua opinião. Para que esta se sinta incluída é importante que isso aconteça (Silva, et al., 2016). Por esta razão, no dia seguinte, voltámos a falar sobre o livro e antes de o reler as crianças partilhavam o que se lembravam da história. Depois da (re)leitura, as crianças escolheram a parte que mais gostaram da história, assim como a sua personagem favorita. A partir deste, cada criança, com a nossa ajuda, criou o fantoche da sua personagem com rolo de papel higiénico e papel EVA.

Esta atividade foi realizada em pequenos grupos. Enquanto umas crianças estavam a fazer o fantoche, outras estavam a brincar nas áreas da sala. Concordando com este ponto de vista, Silva, et al., (2016) nas OCEPE, salientam a importância do momento de brincar, não como forma de a criança estar ocupada, mas como “atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem” (p.11). Enquanto brinca a criança desenvolve a sua imaginação, concentração, persistência e empenho.

As crianças nunca tinham feito um fantoche e como um dos grandes desafios para a motivação das crianças é fazer coisas diferentes, a elaboração do fantoche foi marcado pela felicidade e criatividade das crianças. Os fantoches ficaram na sala de atividades, mais propriamente na área das histórias para as crianças explorarem na leitura e na criação de histórias. Verificámos, em outras semanas e situações, que as crianças recorriam aos

seus fantoches para recriar situações familiares, em que a gratidão e o agradecimento estava presente.

No último dia desta semana, a manhã foi dedicada a ver o vídeo “Dia Mundial da Gentileza 2022” na plataforma online *Youtube* e a refletir sobre o mesmo. O vídeo tem como personagem principal um senhor e retrata a sua vida antes de um momento marcante e a sua vida depois desse momento.

Este momento promoveu as seguintes aprendizagens: refletir sobre a importância de construir valores de vida em sociedade; reconhecer a importância de ser solidário com quem precisa; assumir um novo olhar sobre o mundo social em que nos integramos; e, interpretar ações e atitudes.

As crianças estiveram muito atentas ao vídeo e assim que questionámos sobre o que tinha acontecido no vídeo, logo algumas crianças quiseram responder:

- *Inicialmente ele não ajudava ninguém e depois começou a ajudar pessoas.* (Martim)
- *A menina queria entrar no elevador e o senhor não deixou. Não é correto. Devia deixar entrar.* (Francisca)

(Nota de campo, 9 de fevereiro de 2022)

A partir desta última resposta, quisemos saber o que, na perspectiva das crianças, também não era correto no vídeo, ao qual responderam:

- *O senhor passou ao lado do balão e desviou-se.* (Roberto)
- *O senhor não apanhou o balão por isso o bebé chorou mais.* (Guilherme)
- *O senhor passou e viu o carrinho ir embora e não apanhou o carrinho.* (Sofia)
- *A meio do vídeo, o senhor mudou o comportamento.* (Ana)

(Nota de campo, 9 de fevereiro de 2022)

Depois, questionámos as crianças sobre o que tinha acontecido para o senhor mudar o seu comportamento e as crianças disseram que foi a ajuda que o senhor deu à idosa que o fez mudar de comportamento e que essa tinha sido uma boa atitude. Posto isto, quisemos saber que boas atitudes teve o senhor depois, e elas disseram:

- *Ajudou a senhora a entrar no elevador.* (Beatriz)
- *Apanhou o balão.* (Rita)
- *Brincar com os meninos.* (Bruno)

(Nota de campo, 9 de fevereiro de 2022)

Depois desta conversa, em conjunto, concluímos que o senhor fingiu ser cego para repetir o gesto que a idosa tinha feito com ele que o fez mudar a sua atitude. Ainda chegámos à conclusão de que devemos sempre ajudar os outros e utilizar as expressões *por favor e obrigada*.

Para terminar, quisemos saber se as crianças gostaram do vídeo e apenas uma criança não gostou, porque queria outra coisa, as que gostaram justificaram desta forma:

- *O senhor ajudou as crianças e os senhores.* (Margarida)

- *Porque pediu por favor e disse obrigada. Ajudou a senhora mais nova e a senhora mais velha apertou-lhe as bochechas para agradecer e dizer xau.* (Carlos)

(Nota de campo, 9 de fevereiro de 2022)

Com estas atividades pesnamos ter contribuído para criar boas oportunidades para estimular as potencialidades e capacidades das crianças, adotando práticas pedagógicas diferenciadas e escutando-as. Trabalhámos a educação em valores de uma forma mais lúdica e um pouco reflexiva, levando as crianças a pensar perante situações em que as atitudes são essenciais para que haja um bom relacionamento entre todos.

#### **4.2.2. Super Herói/Heroína**

Na terceira e última semana de intervenção realizámos esta EEA. Esta semana de intervenção teve como intencionalidade educativa: reforçar os valores na vida da criança; fortalecer a relação escola-família; proporcionar um novo olhar sobre a diferença; valorizar a participação das crianças na produção e exploração de materiais pedagógicos. No que diz respeito às áreas e domínios, com esta EEA as crianças desenvolveram: formação pessoal e social – reconhecimento e respeito pelas diferenças, identificação de valores; educação artística – pintura, colagem, identificação de cores, exploração de novos materiais; linguagem oral e abordagem escrita – comunicação oral e escrita. Esta EEA tem como valores centrais a solidariedade e a generosidade.

A EEA Super Herói/Heroína começou com uma pequena conversa, a partir de um trabalho que estava exposto na sala que tinha como tema a igualdade e a diferença, onde estavam desenhadas diversas pessoas. Falamos sobre as diferenças entre a vida das crianças do nosso país e dos países africanos e a importância de ser solidários uns com os outros e que através de pequenos gestos podemos fazer a diferença na vida de alguém. Algumas crianças quiseram partilharam as suas experiências:

- *Um dia eu e a minha irmã quando estávamos nas compras, um senhor estava a tocar música e parecia pobre e a minha mãe deu uma moeda.* (Rafael)
- *Eu dei brinquedos a uma menina que não tinha.* (Cristina)
- *A minha avó precisava de comida e eu fui levar-lhe comida.* (Vânia)
- *Vi um menino pobre e eu fui dar-lhe comida.* (Catarina)

(Nota de campo, 22 de fevereiro de 2022)

Os momentos de partilha de experiências são muito importantes para a criança aprender e aceitar as diferenças. E estes momentos contribuem para estimular o desenvolvimento pessoal e social das crianças (Marques, 2015).

Depois deste momento de partilha, valorizámos as atitudes das crianças e explicámos, utilizando os momentos visualizados no vídeo como exemplo, que podemos e devemos ajudar as pessoas que estão perto de nós e também aquelas que se encontram um pouco mais longe, como por exemplo as crianças que não têm uma escola nem uma casa.

De seguida, dissemos às crianças que tínhamos um outro vídeo para partilhar com elas, sem mencionar a nossa presença no mesmo. Mostrámos o vídeo de um projeto de voluntariado missionário de curta duração – Projeto Ponte – que aconteceu em Cabo Verde em agosto de 2017. No fim do vídeo, falámos um pouco sobre o que aparecia no vídeo e algumas crianças disseram que nos tinham encontrado no vídeo, que tinham visto alguns meninos a brincar com brinquedos diferentes e que estavam alguns meninos a estudar, então nós partilhámos um pouco da experiência.

Estes momentos são importantes para a criança refletir sobre a importância de construir valores de vida em sociedade; reconhecer a importância de ser solidário com quem precisa; e, conhecer novas tradições de outra comunidade.

Para terminar este momento, questionámos as crianças sobre o que são e o que fazem os/as super-heróis/heroínas, ao qual elas responderam que eram pessoas que ajudam os outros, por isso era “boas pessoas” (Vânia). Uma criança disse logo a seguir: “eu também quero ser um super-herói” (Rafael). Estava lançado o desafio. Então, propusemos às crianças serem super-heróis/heroínas por um dia, desafio esse que foi aceite com muita motivação, entusiasmo, alegria e curiosidade por parte de todas. Fizemos questão de dizer que os super-heróis/heroínas, nesta faixa etária, são “amigos próximos” das crianças e todos começaram a imaginar o que poderiam fazer e a quem., mas as ideias não surgiam de imediato. A curiosidade das crianças em saber em que é que

podiam ser úteis e como poderiam ajudar alguém ocupou grande parte do dia, sendo várias a sugestões realizadas pelas crianças. Optámos então por fazer parte de uma campanha de solidariedade a nível mundial.

Naquele dia apresentámos a campanha de solidariedade “Sorrisos de Papel” da Organização Não Governamental para o Desenvolvimento Sol Sem Fronteiras. “Sorrisos de Papel” é uma campanha com 3 etapas: compra de postais e o dinheiro reverte para um projeto educativo; qualificação pedagógica, que visa o apoio a um liceu em empada, na Guiné-Bissau e desenho/escrita de uma mensagem nos postais e para terminar vamos todos juntos entregar os postais a um lar de idosos. Esta campanha de solidariedade tem objetivos: promover a solidariedade com os que estão mais longe, apoiando um projeto educativo destinado a jovens e crianças além-fronteiras; quebrar a corrente de isolamento em que os utentes de lares se encontram face à atual situação da pandemia; e, promover a comunicação intergeracional dos mais idosos com as novas gerações, rompendo a hiato geracional existente.

Na parte da tarde, distribuámos os postais pelas crianças que gostaram bastante dos seus formatos - bola de Natal, presente e pinheiro de Natal – e demonstrando muito entusiasmo, começaram a fazer os desenhos para partilhar com os idosos.

Com alguma curiosidade, questionamos as crianças sobre o que estavam a desenhar nos postais (*figura 5*) e estas responderam:

- *Eu fiz o meu super-herói a lutar para ajudar pessoas (Martim)*
- *“O homem aranha a lançar teias” (Francisca)*
- *“Sou eu em missão. Sou um super-herói” (Roberto)*
- *“Estava a puxar o hulk para ficar forte” (Guilherme)*
- *“Uma super-heroína a salvar o mundo” (Sofia)*
- *“Uma super-heroína a proteger as pessoas” (Ana)*
- *“Homem aranha vermelho mais forte” (Beatriz)*
- *“Homem aranha preto” (Rita)*
- *“Duas pessoas pobres que ficaram felizes porque tiveram uma escola” (Bruno)*
- *“Super-heroína a ajudar um rapaz” (Margarida)*
- *“Duas amigas a brincar” (Carlos)*
- *“Duas meninas a passear” (Rafael)*
- *“Uma casa. Uma bola. Eu Super-heroína. Carinhas felizes” (Cristina)*
- *“Mãe e Pai com barba a salvar o mundo com o meu brinquedo” (Vânia)*
- *“A minha família a brincar” (Catarina)*

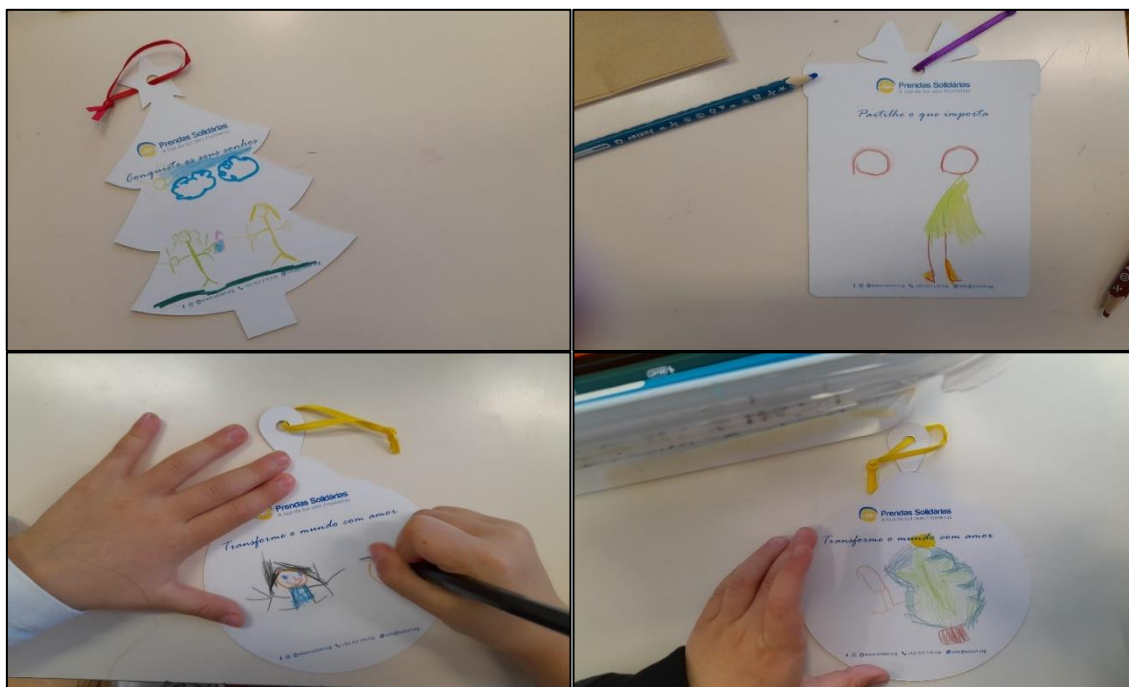
- “Um menino a ajudar uma menina pobre” (Miguel)
- “Eu a dar água a uma menina pobre” (Tiago)
- “Bolas de Natal” (Sara)
- “Batman” (Francisco)
- “Sou eu a ajudar pessoas” (Marta)
- “A avó e a mãe a brincar comigo” (Raquel)
- “O papá a enfeitar o pinheiro de Natal” (Luís)
- “Uma menina na árvore de Natal colorida” (Mariana)
- “Um senhor com bengala a fugir de um incêndio” (João)

(Nota de campo, 22 de fevereiro de 2022)

Nesta nota de campo podemos verificar que à exceção de 4 crianças, que apenas se referiram aos super-heróis das bandas desenhadas mais convencionais, todas as outras ilustraram situações em que elas eram super-heróis/heroínas. Foi muito agradável perceber que entenderam bem o que se pretendia com esta atividade.

### Figura 5

Postais do projeto “Sorrisos de Papel” com os desenhos das crianças.



O desenho é muito importante para desenvolver a imaginação e criatividade da criança e até para comunicar, por exemplo, com crianças mais tímidas. Questionar a criança sobre o seu desenho não deve ser visto como algo negativo, mas sim como algo

essencial para conhecer e perceber os pensamentos deles, assim como ferramenta de diálogo entre a criança e o adulto, pois o vocabulário das crianças ainda é pequeno e o desenho é visto como uma forma excelente de comunicação (Silva et al., 2017).

Assim que as crianças terminavam os desenhos nos postais iam para as áreas da sala brincar, atividade que todas gostam muito de realizar, principalmente pela exploração de diversos “mundos” dentro da sala de atividades e que já percebemos anteriormente, ser muito importante para o seu desenvolvimento pessoal e social.

A criação de “prendas solidárias”, como é o exemplo dos postais, permite à criança valorizar pequenos e grandes gestos de solidariedade, ter um papel ativo na produção de ofertas solidárias e, reconhecer a importância de interagir com membros da comunidade. Estas aprendizagens são importantes para promover a educação em valores como a solidariedade e a responsabilidade.

No dia seguinte, a manhã foi marcada pela visita a um lar de idosos (figura 6). Com as devidas precauções, realizámos o percurso a pé com as crianças até ao nosso destino final. Cada criança levou um postal para ser entregue aos idosos. Devido às restrições da pandemia Covid-19, as crianças não conseguiram abraçar ou beijar os idosos, tendo apenas a possibilidade de comunicar com eles separados por um vidro.

Neste tempo em que as crianças e os idosos conviveram, as crianças cantaram algumas canções para os idosos, mandaram muitos beijinhos e entregaram os postais à diretora do lar, para posteriormente serem entregues aos idosos.

## Figura 6

*Visita ao lar de idosos.*



No caminho de regresso para a nossa instituição, as crianças não falaram de outra coisa dizendo que gostaram muito de ir visitar os idosos e que estavam muito felizes.

Promover estes reencontros intergeracionais é importante para fortalecer a relação entre a comunidade e o estabelecimento educativo e para contribuir para o desenvolvimento das crianças. Procurámos assim ser as motivadoras para realização de atividades entre a comunidade educativa e as várias organizações, serviços e recursos da comunidade (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016).

Nesta linha de pensamento, o PASEO salienta que o jovem quando sair da escolaridade obrigatória seja um cidadão “livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo que o rodeia” e “que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático” (Martins, et al., 2017, p.15). Desta forma, devemos, como futuras educadoras contribuir para a promoção de cada vez mais momentos de partilha com as várias organizações da comunidade e com pessoas de diferentes faixas etárias.

### **4.3. Experiências de ensino-aprendizagem no contexto do 1.º Ciclo do Ensino**

#### **Básico**

O último contexto que nos acolheu foi 1.º CEB, mais concretamente uma turma de 4.º ano num agrupamento de escolas de Bragança.

Neste contexto, as Aprendizagens Essenciais (AE) são documentos de orientação curricular base para a planificação, realização e avaliação do ensino e da aprendizagem para cada disciplina. Para cada uma delas de cada ano existe as AE onde se encontram as capacidades e os conhecimentos que os alunos devem atingir em cada etapa.

Educar para a cidadania é um trabalho conjunto da escola e das famílias. Para saber o caminho a seguir, o Ministério da Educação criou o documento “Educação para a Cidadania – linhas orientadoras”.

Neste documento, a educação para a cidadania aparece

Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo. (p. 1)

A educação para a cidadania tem sem dúvida um papel preponderante na abordagem à educação em valores. O professor tem “como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas (...) no sentido de promover a tolerância e a não discriminação, bem como de suprimir os radicalismos violentos” (ME, 2018, p.2).

Ao longo destas EEA procurámos fazer uma articulação curricular para “facilitar a qualidade do processo educativo e também na melhoria dos resultados dos alunos” (Marques, 2012, p.19), pois, com esta articulação curricular podemos promover um bom desenvolvimento da escola como instituição de ensino e do aluno com aprendizagens significativas. A interdisciplinaridade, segunda a mesma autora, é vista como uma ponte de ligação entre as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares.

#### **4.3.1. Uma grande família**

A EEA *uma grande família* aconteceu na 3.º semana de intervenção da PES no contexto 1.º CEB e ocorreu nas disciplinas de português e educação artística. Esta EEA centra-se nos valores da família, inclusão, amor, união e partilha.

O ponto de partida desta EEA foi a leitura do álbum narrativo “Uma grande família” de Elisenda Roca e Rocio Bonilla. Este álbum apresenta a história da Violeta que vive num bairro onde também vivem famílias muito diferentes, mas unidas pelo amor que sentem uns pelos outros. Esta é uma história leve que traz diversos temas à mesa (família, diversidade, amor, (des)união...) e com isso reflexões a ser feitas em grupo.

Segundo Rodrigues (2012), com base em alguns autores, o livro deve ser visto como algo muito especial, pois ele oferece-nos uma viagem cheia de novas sensações, sentimentos, emoções e reflexões através das atitudes humanas e paisagens que descobrimos. Desta forma, o ato de ler é caracterizado como uma fonte de aprendizagens essenciais para o ser humano, pois ler é uma operação que envolve a pessoa no todo, seja na inteligência e vontade, fantasia e sentimentos, passado e presente. A mesma autora defende que a promoção da leitura é da responsabilidade de todos, seja professores, famílias, bibliotecários, entre outros, através de práticas que promovam a leitura e a compreensão das histórias e motivem as pessoas a querer descobrir mundos sem fronteiras. Ao longo das EEA os livros estiveram sempre presentes por os considerarmos como um elemento fulcral para a formação de adultos empenhados, questionadores, imaginativos e interventivos e como obras de artes com objetivos sobretudo lúdicos e estéticos.

O momento de exploração da história teve 3 momentos: um momento de pré-leitura, um momento de leitura e um momento de pós-leitura. Como pré-leitura, apresentamos a capa do livro e a sinopse do livro, tentando, através do diálogo, descobrir qual era a história. Posteriormente, fizemos uma primeira leitura da história e em grande grupo resumimos a história refletindo nas peripécias das personagens da história.

Para terminar, as crianças foram desafiadas a ouvir pela segunda vez a história e ao mesmo tempo estar atentas e apontar, individualmente, nos seus cadernos diários, todas as famílias que aparecem na história. A releitura da história foi mais ponderada e o desafio proposto às crianças promoveu uma concentração e atenção enorme na história.

Como já foi referido anteriormente, a leitura e exploração dos livros promove o desenvolvimento intelectual, moral, afetiva e estética, assim como fortalece a capacidade de compreensão e de expressão. Segundo Rodrigues (2012), nesta faixa etária, grande parte das crianças não tem ainda hábitos de leitura, por isso, podem ser consideradas leitores em desenvolvimento e a promoção da leitura fornece-lhes “um conjunto de pistas que ajudam na organização da informação e no desenvolvimento do imaginário também” (p.49). Por outro lado, para os leitores mais experientes, ou seja, com hábitos de leitura,

a leitura de novos livros promove as vastas interpretações do texto literário (Rodrigues, 2012).

Para consolidar o tema da família, quisemos perceber realmente o que é significar família para cada criança e qual a relação de cada criança com a sua. Posto isto, entregamos um questionário a cada criança para que respondessem de forma individual, sincera e anónima a várias questões sobre este tema. Uma das primeiras questões do questionário foi “Para ti o que significa a palavra “Família?””, ao qual obtivemos as seguintes respostas (tabela 4):

**Tabela 4.** Respostas das crianças à pergunta “Para ti o que significa a palavra Família?”

Para ti o que significa a palavra “Família”?
Família é a melhor coisa que há no mundo e para mim ela significa muita coisa.
Para mim a palavra família significa muitas pessoas unidas que formam uma família.
Para mim a palavra família significa amor.
Família para mim é uma vida.
Para mim família é amor.
É um conjunto de pessoas.
Para mim a Família, é estarmos todos juntos, fico feliz de ter uma e gosto de brincar com ela.
Um abrigo, um porto seguro, um grupo de pessoas confiáveis que me sempre iram ajudar e proteger.
Penso que é a melhor família do mundo e nada vai substituir.
Amigos amor a família e muito importante.
Significa que quando estás triste chateado etc tens uma família para te fazer contente.
É um conjunto de 2 pessoas com a mulher e o homem que fazem filhos e depois os filhos fazem filhos e etc.
Para mim a palavra família é amor, paz, alegria e harmonia.
Para mim a palavra família significa união alegria amor e diversão.
Para mim a família é a coisa mais especial, importante e preciosa do mundo.
Mãe, pai, avó, eu e mano.
Ter a família toda reunida.

Com base nestas respostas, podemos verificar que a maioria das crianças vê na família um porto seguro e que esta palavra lhe transmite bons sentimentos – amor, alegria, união, paz, diversão, como podemos confirmar com a afirmação “Para mim a palavra família significa amor”. Concluimos também que as crianças têm noção da importância da família nas suas vidas, pois como uma nos diz “Para mim a família é a coisa mais especial, importante e preciosa do mundo”.

As respostas às questões “Achas que todas as famílias são todas iguais?”, só apenas duas, das dezassete crianças, responderam que *não sei*, sendo que todas as outras responderam que *não*. Assim que tiveram de justificar a sua resposta, as crianças que responderam *não sei*, disseram “Porque são todas diferentes” e “Porque não sei se todas as famílias gostam de ficar juntas”. Em relação às crianças que responderam que as famílias não eram todas iguais, disseram que há famílias que não têm mãe, pai ou avós, há famílias que têm pessoas com tons de pele diferente, há filhos que não nasceram da mesma pessoa e há pessoas da mesma família que moram em casas diferentes. Na sua maioria todas as crianças ficaram com a ideia de que todas as famílias são diferentes seja pelo número de membros, ou pelas características da mesma.

As respostas à questão “O que é para ti uma família feliz?”. Convergem para uma família onde existe união, alegria, harmonia, felicidade e amor, por isso é onde as pessoas não discutem, gostam umas das outras e partilham momentos felizes de brincadeira.

Em relação à função das famílias, as crianças salientam a importância de ajudar e proteger os outros, fazer os membros da família felizes e promover um ambiente onde existe amor, respeito, alegria e harmonia.

No questionário também solicitamos às crianças que a partir das palavras “Solidariedade, Respeito, Tolerância, Confiança, Amizade, Honestidade, Coragem, Responsabilidade, Paciência e Amor” escolhessem cinco que associem à palavra Família. As palavras mais escolhidas foram *Respeito*, *Amizade* e *Amor*, pois foram as três escolhidas por treze das dezassete crianças. Logo de seguida, por doze crianças, foi escolhida a palavra *Confiança*, por nove crianças a palavra *Honestidade* e por oito crianças a palavra *Solidariedade*. As palavras menos escolhidas foram *Coragem*, por seis crianças, *Responsabilidade*, por quatro crianças e com menos escolhas, duas crianças, foi a palavra *Paciência*. Com base nestas respostas, concluimos que as crianças acham que as famílias devem pautar pela amizade, respeito e o amor e não valorizam tanto a coragem, a responsabilidade e a paciência numa família.

Um desafio que propusemos às crianças foi caracterizarem os seus familiares através de um adjetivo, que podemos ver na seguinte nuvem de palavras (figura 7).

**Figura 7**

*Nuvem de palavras associadas à palavra “família”*



Podemos verificar que são palavras muito positivas e associadas a bons sentimentos, como: fofinha, inteligente, amorosa, brincalhona, divertida, carinhosa.

Ainda no questionário quisemos perceber o que as crianças gostam mais de fazer em família e todas as crianças enumeraram atividades que fazem em família, por exemplo, jogar jogos em família, ir à praia, brincar, passear, ver filmes, almoçar fora, ver televisão fazer festas. Com estas respostas, percebemos a grande importância que as crianças dão a estes momentos em família e quanto gostam de ter a família reunida a partilhar momentos que lhes ficarão para sempre na memória.

Depois de refletirmos sobre estes dados ficamos com a ideia de que todas as crianças preservam muito as suas famílias e que lhe atribuem um grande significado.

Como último desafio, propusemos que, através de massa de moldar, cada criança representasse os membros da sua família.

Nesta atividade, algumas crianças apresentaram muita facilidade a manusear o material, outras apresentaram algumas dificuldades e por isso pediram o nosso auxílio. Como todas as famílias são diferentes, também o número de membros difere, no final, tivemos “quadros familiar” bastante diferenciados e criativos (figura 8). No fim, as crianças sentiram-se felizes e confiantes com os seus trabalhos, pedindo rapidamente para levarem para casa para apresentar, às suas famílias, o seu trabalho.

## **Figura 8**

*Famílias em pasta de moldar*



Como já foi referido, a relação escola-família deve ser construída nos primeiros anos de vida e fortalecida ao longo do tempo. A importância desta relação para o processo ensino-aprendizagem da criança, pois há cada vez mais a necessidade de a escola estar em perfeita sintonia com a família, uma vez que a ideia é complementarem-se.

Posto isto, é importante que a escola conheça a realidade familiar das crianças e que as crianças se sintam seguras para partilhar experiências familiares.

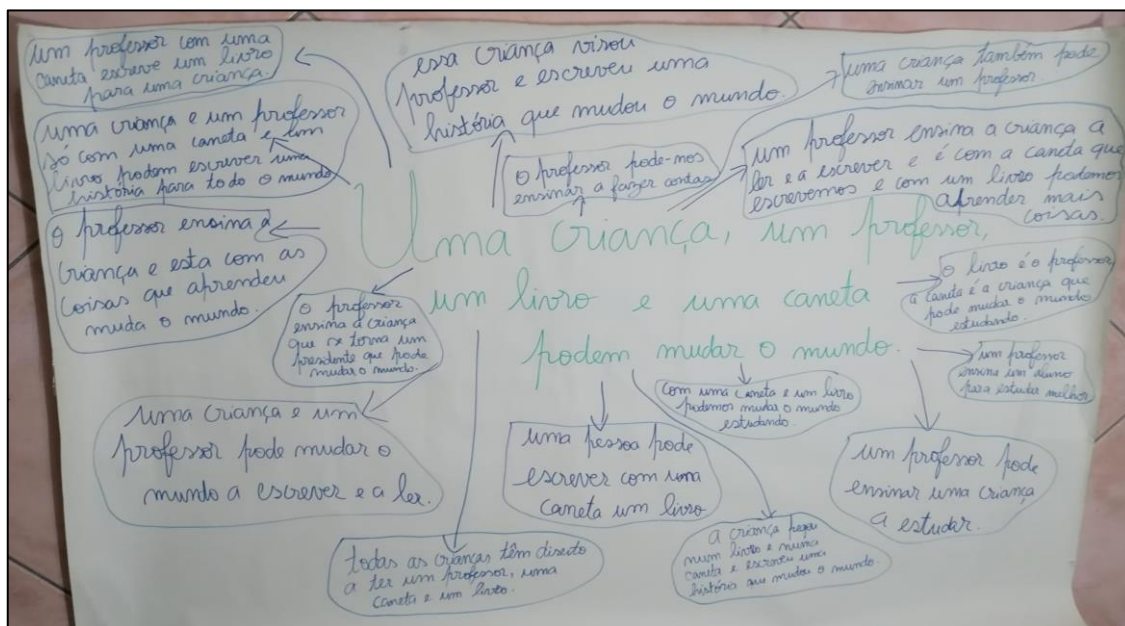
### **4.3.2. O lápis mágico da Malala**

Esta EEA tem o mesmo nome da obra que serviu de base a esta aula, ou seja, “O lápis mágico da Malala”. Nesta EEA promovemos a interdisciplinaridade entre português, estudo do meio e a disciplina de educação artística. Esta EEA centra-se nos valores da paz, união e liberdade.

Assim como as outras EEA em que tivemos como base uma obra literária, começamos com um momento de pré-leitura em que apresentamos no projetor da sala de aula, a página do livro onde aparece a frase “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo” sem mencionar de onde tínhamos retirado aquela frase. Logo depois colámos um pedaço de papel de cenário cobrindo onde se encontrava escrita a mesma frase. Aí, perguntámos às crianças o que achavam que queria dizer essa frase e com as suas respostas criámos um brainstorming (figura 9).

**Figura 9**

*Brainstorming da frase “Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.”*



As ideias das crianças andavam todas à volta da questão educativa, referindo-se à escola, às aprendizagens, ao saber ler e escrever. A partir destas partilhas das crianças, podemos refletir sobre a importância do professor nas suas vidas, assim como a importância de saber ler e escrever para elas. Todas elas, sem exceção, mencionam o facto de quão importante pode ser escrever um livro que tenha capacidade de fazer as pessoas mudar o mundo, mesmo sem nós partilharmos qual era a história que íamos explorar. Uma das crianças referiu “todas as crianças têm direito a ter um professor...”, o que serviu para refletirmos sobre se todas as crianças têm os mesmos direitos ou não, chegando à conclusão que e citamos, “há países que não respeitam as crianças”.

A partir destas palavras, procedemos então à apresentação do livro, em primeiro lugar da capa e depois da contracapa, realçando o título “O lápis mágico da Malala”, mas antes mesmo da leitura da história, entregámos às crianças uma folha com a questão “O que farias se tivesses um lápis mágico?” que analisaremos mais à frente.

Procedemos à leitura do livro com recurso ao computador e também ao próprio livro. Houve bastante entusiasmo, surpresa e muita admiração por terem ouvido aquele testemunho de uma menina que existe mesmo e que passou por um problema que elas nunca passaram e que a maioria nem sabia ser possível de existir. Quase todas as crianças já queriam mudar a sua opinião sobre o que tinham respondido na questão inicial e por isso voltámos a questioná-las: “O que farias se tivesses um lápis mágico?”

Na seguinte tabela (tabela 5) podemos verificar as suas respostas.

**Tabela 5.** Repostas à questão “O que farias se tivesses um lápis mágico?”

“O que farias se tivesses um lápis mágico?” ANTES DA LEITURA	“O que farias se tivesses um lápis mágico?” DEPOIS DA LEITURA
Eu desenharia paz no mundo, para que não houvesse mais guerras e também para que as pessoas não se chateassem.	Eu mudaria o mundo desenhava as crianças na escola a aprender e não haver pessoas pobres.
Usava-o para sempre, fazia muitas histórias, desenhos, (...) usava a borracha para apagar a poluição.	Fazia com que as meninas tivessem liberdade, ajudava as meninas e os meninos que não iam à escola.
Fazia com que todas as atrocidades, desastres e guerras não existissem e que o mundo ficasse em paz.	Eu parava com a guerra e fazia com que as crianças tivessem mais direitos e mais poder.
Eu começava a pensar na história e o lápis começava a escrever, sozinho.	Eu desenhava que toda a gente pudesse ir à escola.
Eu desenhava um jardim e uma casa e um carro.	Eu ajudaria as pessoas que estivessem em perigo.
Eu fazia as provas com ele porque assim ia tirar muito bom em todas.	Eu fazia muito dinheiro para depois ajudar os pobres.
Eu fazia muitas coisas e pediria muitos objetos que eu quero.	Eu daria vestidos à minha mãe e camisolas ao meu pai e compraria vários brinquedos ao meu irmão.
Eu desenhava o que estava na minha mente exatamente o que eu vi ou imaginei.	Eu mudava o mundo e depois fazia um parque de diversões grátis para todas as crianças poderem ir.
Eu desenhava um mundo melhor, sem guerra, sem poluição ...	Eu usaria para prenderem os homens que andam armados.
Eu transformaria o mundo melhor e sem poluição e ajudava as pessoas pobres.	Que todos tivessem os mesmos direitos, que o mundo fosse mais feliz.
Fazia aparecer um avião e pilotava-o.	Eu fazia aparecer um avião e pilotava-o.
Eu mandava que o lápis mágico escrevesse no meu lugar.	Eu desenharia tudo que eu queria como um monstro engraçado (...).
Eu desenhava com ele muito dinheiro para ser rico.	Vou desenhava muito dinheiro para todos irem à escola por minha conta para todos terem dinheiro para comida e etc.
Eu fazia desenhos (...) e pintava e escrevia com o lápis mágico.	Faria em vez de chover ficava sol e liberdade das meninas.
Eu escrevia uma história para todas as crianças bebés do mundo lerem e verem.	Eu escrevia uma história para as crianças aprenderem a obedecer aos pais e a não tratar mal aqueles que necessitam de ajuda.
Eu fazia magia (...) para fazer o bem para o mundo.	Eu fazia magia para acabar com o Bullying, com a guerra na Ucrânia e para explodir a cabeça do Putin.

Com base nas afirmação e nas respostas das crianças, podemos verificar que a leitura da obra promoveu uma sensibilização sobre o grau de importância, como podemos

verificar nestas respostas, “Eu desenhava muito dinheiro para ser rico” (antes da leitura) – “Vou desenhar muito dinheiro para todos irem à escola por minha conta, para todos terem dinheiro para comida, etc” (depois da leitura), “Eu desenhava um jardim, uma casa e um carro” (antes da leitura) – “Eu ajudaria as pessoas que estivessem em perigo” (depois da leitura) e, “Eu fazia os testes com ele porque assim ia tirar muito boa nota em todos” (antes da leitura) – “Eu fazia muito dinheiro para depois ajudar os pobres” (depois da leitura). Houve apenas uma criança que manteve a sua opinião inicial indicando algo pessoal. E uma outra criança que se referiu à magia para fazer algo de bom para si própria “Eu fazia muitas coisas e pediria muitos objetos que eu quero” e depois da leitura acrescentou a sua família “Eu daria vestidos à minha mãe e camisolas ao meu pai e compraria vários brinquedos ao meu irmão”.

Pensamos que com esta atividade promovemos competências “fundamentais para a realização pessoal e social de cada um e para o exercício de uma cidadania consciente e interventiva” (p.1)

Segundo o Martins, et al., (2017) no PASEO ao longo do seu percurso escolar as crianças devem desenvolver atividades colocando em prática os seguintes valores: responsabilidade e integridade, excelência e exigência, curiosidade, reflexão e inovação, cidadania e participação e, liberdade. A melhor das formas de colocar em prática estes valores é dar oportunidade à criança de se colocar no lugar onde têm grandes responsabilidades e dar-lhes possibilidade de fazer escolhas e perceber as consequências dessas escolhas.

Por isso e a partir de um dos temas que aparece no livro “O lápis mágico da Malala” e que no momento que vivemos é muito atual – a guerra, propusemos às crianças que se colocassem no lugar de um presidente de um país em guerra e respondesse à questão “Se eu fosse presidente de um país que estivesse em guerra, o que faria para ela terminar?” e recebemos as seguintes respostas (tabela 6).

**Tabela 6.** Respostas da pergunta “Se eu fosse presidente de um país que estivesse em guerra, o que faria para ela terminar?”

Respostas da pergunta “Se eu fosse presidente de um país que estivesse em guerra, o que faria para ela terminar?”
Falaria com o presidente do país que estava a fazer guerra com o nosso país e daria algo em troca para isso acabar.

Eu pedia paz ou então tentava que as crianças e os adultos (que não andam na tropa) tentassem salvar-se e eu ia ajudar a tropa a combater e também pedia ajuda a outros países.
Eu pedia paz se não desse certo oferecia alguma coisa que esse país precisasse.
Eu metia várias tropas na fronteira e escrevia um livro sobre a guerra, e media tanques e aviões, tudo o que tinha para terminar.
Diria para termos uma conversa razoável.
Para ela terminar eu fazia um acordo com o país, para a guerra terminar.
Eu daria muito dinheiro para a guerra terminar.
Mandava os meus soldados pararem.
Falava com o presidente do outro país e conversávamos para entendermo-nos.
Tentava declarar união e amizade ou atacava o país se eles não quisessem.
Dar-lhe o território.
Se eu fosse presidente e tinha uma guerra eu falava com o presidente que se não parasse a guerra mandava uma bomba atômica.
Eu telefonava ao outro presidente que começou e fazia um contrato e escrevia lá com o lápis mágico e depois o presidente do outro país parava.
Ligava para o presidente para acabar com a guerra.
Se eu fosse o presidente de um país e se o meu país estivesse em guerra conversava com o outro presidente e terminava com a guerra.
Eu declarava paz para o outro presidente para a guerra acabar.

Para todas as crianças, a primeira opção para terminar com a guerra é declarar paz, seja através de uma conversa, diálogo ou em troca de alguma coisa. Nenhuma das crianças pensa, que a resposta para terminar a guerra seja com a guerra e isto faz perceber que todas percebem o que é correto e errado.

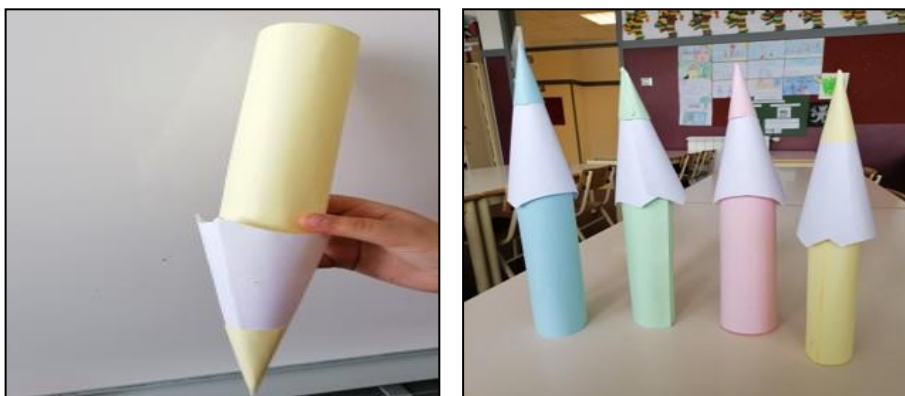
É importante salientar que as crianças responderam a todas as perguntas de forma individual sem partilhar ideias com as outras crianças, apenas solicitando a nossa ajuda quando não sabiam o significado de alguma palavra, para percebermos assim o verdadeiro pensamento de cada um.

Na parte da tarde desse dia na aula de educação artística, começámos então por recordar a história da obra que abordamos na parte da manhã e questionamos as crianças se queriam criar os seus lápis mágicos e todas responderam que sim, com muita vontade.

Explicámos então que a cor do lápis era escolhida por cada um entre o amarelo, o cor-de-rosa, o verde e o azul. Posto isto, cada criança, de forma ordeira e organizada vinha ter connosco para escolher a cor e posteriormente levar os moldes para recortarem no lugar. À medida que algumas crianças iam escolhendo a outras que já tinham escolhido recortavam os seus moldes para o lápis. Assim que tinham os moldes recortados vinham ter connosco para, em conjunto, montarmos o seu lápis mágico (figura 10). As crianças questionaram se podiam levar os lápis para casa, pois queriam muito mostrar às suas famílias e nesse dia levaram o lápis com um grande sorriso no rosto.

## Figura 10

*Lápis mágicos realizados pelas crianças.*



Durante esta semana trabalhámos a educação em valores, através da compreensão do conceito de valores, isto é, normas de conduta que podem determinar decisões importantes e garantir que a convivência entre as pessoas seja pacífica, honesta e justa.

Abordámos ainda o conceito dos seguintes valores humanos: respeito (conhecer o outro e conviver com ele; dar o direito de cada um viver de acordo com os seus valores e opiniões), honestidade (aquele que é honesto e feliz, pois as pessoas confiam nele e gostam da sua companhia), humildade (a virtude que consiste em conhecer as suas próprias limitações e fraquezas e agir de acordo com essa consciência), empatia (eu saber colocar-me no lugar do outro), paz (uma sensação de grande calma e tranquilidade, silêncio, harmonia, sossego), amor (o que dá significado às nossas relações, gera bons sentimentos e pensamentos), amizade (uma relação afetiva, entre duas pessoas, baseada na confiança e no respeito), liberdade (poder escolher, agir e falar de acordo com a sua vontade), autoconfiança (confiar nas minhas qualidades naturais), contentamento (um estado elevado e de grandeza, de quem está contente e satisfeito), tolerância (deixar aos outros a liberdade de exprimirem opiniões diferentes sem nenhuma reação defensiva), paciência (uma virtude que consiste em aguardar, sem queixa, os resultados das nossas ações), generosidade (ser bom com os outros. É ter bons pensamentos e sentimentos), coragem (fazer opções face a determinadas situações e dificuldades e mantenho-me firme dominando o medo), responsabilidade (a habilidade de tomar conta de si e responder pelos seus atos) e união (compartilhar, concordar e realizar uma mesma tarefa em conjunto).

Desta forma pensamos ter contribuído para uma reflexão mais cuidada e específica sobre a questão dos valores. Através das EEA desenvolvidas quisemos encorajar as

crianças a “desenvolver e a pôr em prática os valores por que se deve pautar a cultura de escola” como os de: “responsabilidade e integridade, excelência e exigência, curiosidade, reflexão e inovação, cidadania e participação e liberdade” (Martins, et al., 2017, p. 17) e tantos outros que trabalhámos com estas crianças.

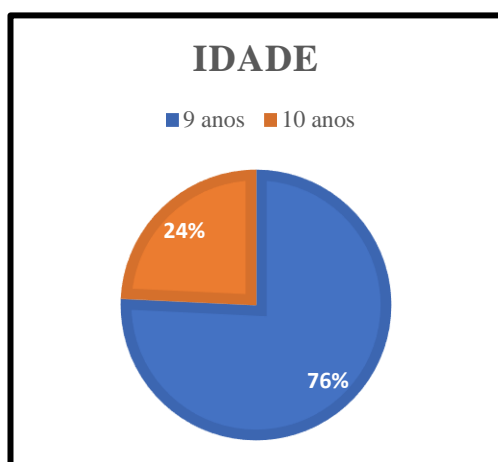
## 5. Análise e interpretação dos dados recolhidos através do inquérito por questionário

Neste tópico apresentamos a análise e interpretação dos dados recolhidos no inquérito por questionário realizado na turma de 4.º ano, do 1.º CEB. O objetivo deste questionário é saber a opinião das crianças sobre os valores humanos e a sua importância na vida das pessoas.

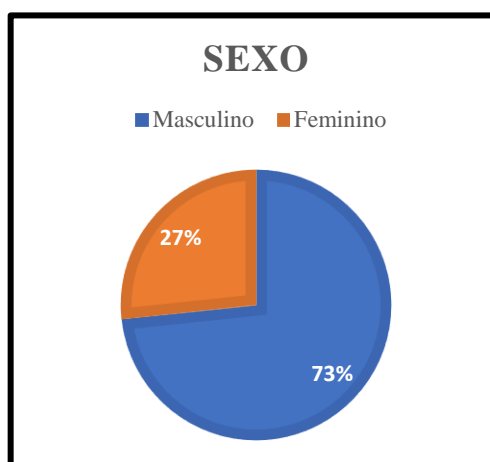
O inquérito por questionário era constituído por duas partes, sendo que a primeira correspondia à identificação e tinha duas perguntas e a segunda intitulamos como “o que pensas sobre os valores humanos” com oito questões (algumas questões estavam subdivididas em alíneas). As questões eram abertas e fechadas e ao longo do questionário encontramos perguntas de escolha múltipla, de escolha múltipla com justificação, de resposta direta e de resposta direta com justificação da mesma.

Este questionário foi implementado numa turma do 4.º ano de escolaridade com quinze inquiridos. As crianças tinham nove (76%) e dez (24%) anos sendo quatro crianças do sexo feminino (27%) e onze crianças do sexo masculino (73%), como podemos ver nas figuras 11 e 12.

**Figura 11**  
*Gráfico das idades das crianças da turma do 4.º ano de escolaridade*



**Figura 12**  
*Gráfico do sexo das crianças da turma do 4.º ano de escolaridade*



A segunda parte do questionário começa com uma questão de resposta aberta com objetivo de saber qual a opinião das crianças sobre a expressão “valores humanos”. Para facilitar a análise das respostas obtidas criámos categorias (tabela 7).

Romão, et al., (2021) segundo Julien (2008) defendem que a análise de conteúdo é um “processo intelectual de categorizar dados qualitativos de diversas naturezas (...) em

grupos semelhantes ou categorias conceituais” com o objetivo de “identificar padrões, estabelecer relações e sintetizar os dados, conferindo-lhes significado” (p.48).

**Tabela 7.** *Categorização das respostas dadas pelas crianças à pergunta – “Para ti o que significa a expressão “valores humanos”?”*

<b>Catagorias_Conceito de valores humanos</b>	
Ter valores	8
Não fazer mal aos outros	3
Ter direitos humanos	3
<b>Total</b>	<b>14</b>

Com base nestes dados, podemos concluir que das quinze crianças, três (20%) acham que a expressão “valores humanos” quer dizer não fazer mal aos outros, seja de forma verbal ou física, como podemos comprovar numa das respostas dadas “*É não fazer Bullying, não gozar, não bater, não gozar por ter a cor-de-pele diferente*”.

Oito das quinze crianças, ou seja, 53% das respostas acreditam que “Valores Humanos”, pois caracterizam esta expressão como é “*ter respeito*”, “*ter liberdade*”, “*respeito, paz, amor e amizade*” ou “*ser amigo*”. Uma (7%) das crianças não respondeu a esta questão.

A segunda questão desta parte do questionário tinha como objetivo perceber a opinião das crianças sobre a importância dos valores humanos na vida das pessoas. Esta era uma questão de escolha múltipla entre o sim, não, talvez e não sei, mas verificámos que as quinze crianças responderam afirmativamente. O mesmo aconteceu com as respostas à questão sobre a importância de viver tendo por base alguns valores, pois esta foi uma opinião unânime, em que todas as crianças consideram importante reger e viver a vida segundo alguns valores humanos. Como justificação destas opiniões, as crianças valorizaram a amizade e a paz na vida das pessoas, como podemos ver nas respostas na tabela seguinte:

**Tabela 8.** *Categorização das justificações dadas pelas crianças à pergunta – “É importante que as pessoas vivam segundo alguns valores humanos”?”*

<b>Catagorias_Justificação da importância de viver segundo alguns valores humanos”</b>	
Ter/ser amigos	13
Igualdade de direitos	2
<b>Total</b>	<b>15</b>

Ao analisarmos as respostas dadas pelas crianças, podemos constatar que, das quinze crianças que responderam à questão, duas (13%) justificam a partir da importância de todos terem os mesmos direitos “*sendo magro ou branco*”, como nos diz uma criança. O resto do grupo que corresponde a treze crianças (87%) defendem a importância de sermos amigos de todos para que não haja guerra e as pessoas não se sintam sozinhas, como podemos verificar em algumas respostas recebidas:

*“Porque assim não haverá guerras nem mortes”;*

*“Porque se as pessoas não fossem amigas havia guerra e a guerra não é boa”;*

*“Porque devemos nos dar bem e deve haver paz entre nós”;*

*“Para não ficar sozinha”.*

O grande número de crianças que justifica esta resposta com base na importância de sermos amigos pode ter acontecido devido ao exemplo ilustrativo “sejam amigas umas das outras” que foi dado na questão anterior. Desta forma, concluímos que as crianças acham muito importante que as pessoas sejam amigas das outras para que haja paz em vez de guerra.

A amizade é considerada pela criança cada vez importante ao longo de toda a sua vida, mas nesta faixa etária, a amizade é essencial “para que a própria criança se equilibre afetiva e cognitivamente” (Fernandes, 2014, p.26). Nesta linha de pensamento, a autora salienta que experiências como a cooperação, a partilha ou a gestão de conflitos estão diretamente associadas à amizade e é nestas experiências que a criança adquire aptidões sociais.

Na questão seguinte quisemos saber ao que é que a criança dá mais valor na sua vida. Como era uma resposta de resposta indireta, voltamos a dividir as respostas por categorias para uma melhor análise dos dados (tabela 9).

**Tabela 9.** *Categorização das respostas dadas pelas crianças à questão apresentada – “Ao que é que tu dás mais valor?”*

<b>Catagorias_O mais valioso na vida das crianças</b>	
Pessoas mais próximas	9
Valores humanos	6
<b>Total</b>	<b>15</b>

À questão “Ao que é que tu dás mais valor?”, as respostas das crianças foram direcionadas entre as pessoas importantes na sua vida mais próxima, sendo destacada a família, os amigos e os professores. No que diz respeito aos valores humanos, tivemos respostas como: “*Dou mais valor ao respeito, honestidade, humildade, paz, amor, liberdade e contentamento*” ou “*A ajudar as pessoas pobres, deixava as meninas terem os mesmos direitos que os rapazes*”.

Quando questionadas sobre para que servem os valores humanos, na opinião de três (20%) crianças, servem para não haver guerra, para sermos amigos segundo cinco (33%) crianças, termos educação, é a escolha de duas (13%) crianças e para quatro (27%) crianças, servem para respeitar os direitos humanos, como verificamos na tabela seguinte. A esta questão uma (7%) criança não quis responder.

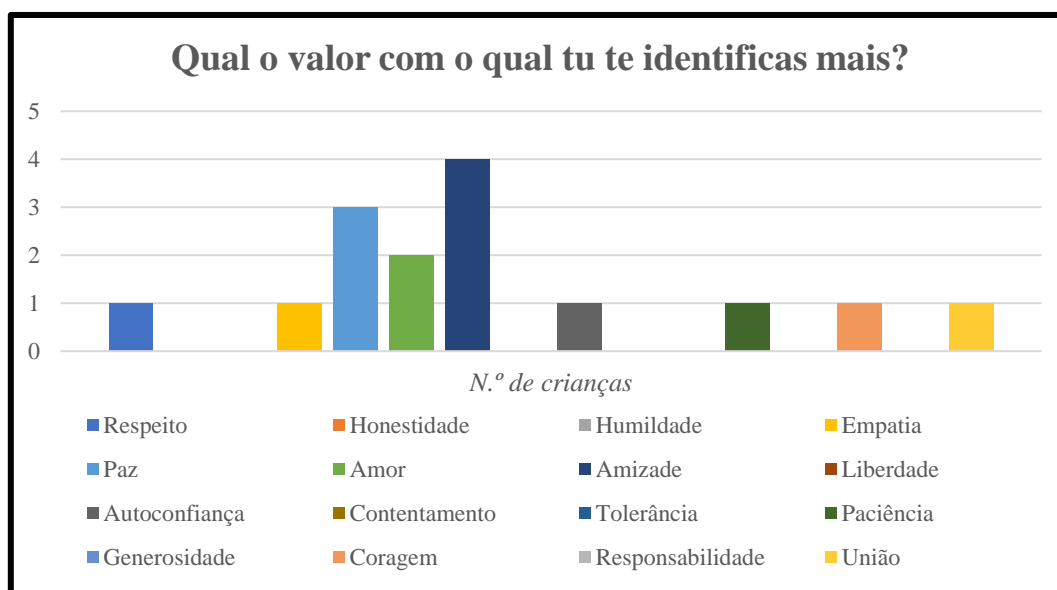
**Tabela 10.** *Categorização das respostas dadas pelas crianças à questão apresentada – “Para que servem os valores humanos?”*

<b>Catagorias_O mais valioso na vida das crianças</b>	
Sermos amigos	5
Respeitar os direitos humanos	4
Não haver guerra	3
Termos educação	2
<b>Total</b>	<b>14</b>

Na questão número cinco da segunda parte deste questionário, apresentámos os seguintes valores: respeito, honestidade, humildade, empatia, paz, amor, amizade, liberdade, autoconfiança, contentamento, tolerância, paciência, generosidade, coragem, responsabilidade e união. Com base nos valores apresentados (figura 13) fizemos quatro questões, começando com qual a criança se identificava mais, justificando a sua resposta.

**Figura 13**

Gráfico da opinião das crianças sobre o valor com o qual se identifica mais



De todos, o mais escolhido foi a *amizade* por quatro (27%) crianças, seguido pela *paz* por três (20%) crianças e o *amor* por duas (13%) crianças. Os valores humanos *respeito*, *empatia*, *autoconfiança*, *paciência*, *coragem* e *união* foram escolhidos por uma (7%) criança e os valores *honestidade*, *humildade*, *liberdade*, *contentamento*, *tolerância*, *generosidade* e *responsabilidade* não foram a opção escolhida para nenhuma das crianças. Esta questão foi respondida pelas quinze crianças.

Em relação às justificações, as crianças que escolheram *amizade* salientaram a importância da amizade na vida das pessoas e vivenciada através do próprio conceito de amizade, e da grande importância que tem na vida de cada um, como podemos verificar na tabela seguinte.

**Tabela 11.** Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor *amizade* à questão – “Qual o valor com o qual tu te identificas mais?”

Catagorias_Justificações da escolha do valor da amizade	
A importância da amizade na vida	3
Conceito da amizade	1
<b>Total</b>	<b>4</b>

Como já mencionamos anteriormente, as crianças acham importante ser amigos uns dos outros, como verificamos nas suas respostas “*porque sou amigo*” ou “*porque assim*”

eram todos amigos” e isso é fundamental para o seu crescimento social e cognitivo (Fernandes, 2014).

Em relação à justificação da escolha da *paz* (tabela 12), das três crianças uma (33%) justifica-se com as suas características pessoais “*Porque me sinto calmo*”. Enquanto as outras duas (67%) crianças justificam-se através da forma como querem viver a vida, como comprovamos nestas respostas: “*Porque gosto de paz, não gosto de guerra*” ou “*Porque quero que sempre haja calma, tranquilidade, silêncio, harmonia e sossego*”.

**Tabela 12.** *Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor paz à questão – “Qual o valor com o qual tu te identificas mais?”*

Catagorias_Justificações da escolha do valor da paz	
Modo de viver	2 (67%)
Caraterísticas pessoais	1 (33%)
<b>Total</b>	<b>3</b>

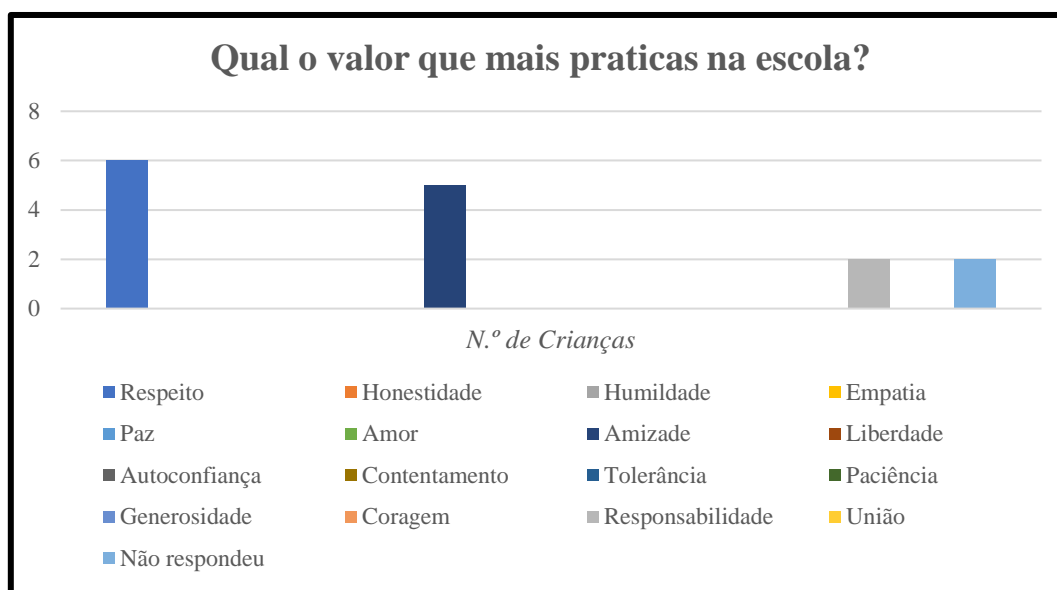
Em relação ao valor *amor*, mesmo sendo o terceiro valor mais escolhido, foi apenas escolhido por duas crianças. No que diz respeito às justificações, uma (50%) justificou dizendo que gosta de dar e receber amor e a outra criança (50%) não justificou a sua escolha.

Como já foi referido, cada um dos valores *respeito*, *empatia*, *autoconfiança*, *paciência*, *coragem* e *união* foram escolhidos por uma criança. Em relação às respetivas justificações, a criança que escolheu o valor *respeito* disse que conhece as pessoas sem se chatear e que respeito toda a gente. A criança que caracterizou a *empatia* como o valor com o qual se identifica mais disse-o “*porque eu amo todos, faço amizade com todos e antes de fazer qualquer coisa, ponho-me no lugar deles*”. A escolha no valor da *autoconfiança* foi justificava como “*porque eu confio em mim*”. No que diz respeito à *paciência*, a criança considera que é preciso paciência para ter amigos. Já o valor da *coragem*, a criança diz “*porque sou muito corajosa*”. Por último, a criança que escolhe a *união* salienta que gosta de trabalhar de equipa, pois gosta de ajudar as pessoas a fazer as coisas.

Ainda a partir dos valores *respeito*, *honestidade*, *humildade*, *empatia*, *paz*, *amor*, *amizade*, *liberdade*, *autoconfiança*, *contentamento*, *tolerância*, *paciência*, *generosidade*, *coragem*, *responsabilidade* e *união*, questionamos as crianças sobre qual o valor que mais pratica na escola, justificando a sua resposta (figura 14).

**Figura 14**

Gráfico da opinião das crianças sobre o valor que mais pratica na escola



Como verificamos na figura 14, o valor mais escolhido como aquele que é mais praticado na escola é o *respeito* por seis (40%) crianças. A *amizade* foi o segundo valor mais escolhido, pois foi a escolha de cinco (33%) crianças. E a *responsabilidade* foi escolhido por duas (13%) crianças como o valor que mais praticam na escola. Os valores *honestidade*, *humildade*, *empatia*, *paz*, *amor*, *liberdade*, *autoconfiança*, *contentamento*, *tolerância*, *paciência*, *generosidade*, *coragem* e *união* não foram considerados por nenhuma criança como o valor mais praticado na escola. A esta questão duas (13%) crianças não responderam, aliás uma não respondeu e outra deu uma resposta que não aplicava nenhuma das opções possíveis.

Em relação às justificações dadas pelas crianças sobre os valores escolhidos, podemos agrupá-las em duas categorias: opinião pessoal e ensinamentos dos professores. Sobre o respeito, duas (33%) crianças justificaram com opiniões pessoais, como podemos ver com “*porque eu gosto*” ou “*porque deve-se respeitar os mais velhos*” e quatro crianças (67%) pelos ensinamentos dos professores como podemos verificar na tabela 13.

**Tabela 13.** Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor respeito à questão – “Qual o valor que mais praticas na escola?”

Catagorias_Justificações da escolha do valor do respeito	
Ensinamentos dos professores	4
Opinião pessoal	2
<b>Total</b>	<b>6</b>

Os professores têm um papel importante no crescimento e desenvolvimento das crianças, pois são vistos como exemplos e dessa forma os seus atos e as suas opiniões têm um peso grande para as crianças (Silva, et al., 2016). No entanto temos de ter bem presente em cada professor fez um percurso de vida, tem as suas crenças e experiências e os valores não são iguais para todos. Nesse sentido, pensamos ser relevante sublinhar que aos professores compete a missão de fornecer às crianças conhecimentos, informações sobre os valores e dar-lhes condições de aprender e mobilizar esses mesmos valores, e atitudes tão necessários a uma boa formação, que se quer holística.

Para completar esta ideia verificamos as respostas das crianças “*porque os professores querem que respeitemos os amigos*” e “*porque os professores querem que sejamos honestos e os respeitemos*”.

Em relação à escolha de cinco crianças no valor da *amizade* como o valor que mais praticam na escola, as justificações focaram-se no exemplo dos outros e, mais uma vez, na importância de ter amigos.

**Tabela 14.** *Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor amizade à questão – “Qual o valor que mais praticas na escola?”*

<b>Catagorias_Justificações da escolha do valor da amizade</b>	
Importância de ter amigos	3
Exemplo	2
<b>Total</b>	<b>5</b>

As duas crianças que justificaram a partir do exemplo, dizem que o valor que mais praticam na escola é a amizade porque todos na sua escola e na turma são amigos. As três crianças que destacaram a importância dos amigos justificam que gostam de ter amigos.

O valor responsabilidade foi considerado por duas crianças como o valor que mais pratica na escola e estas justificam-no com as características pessoais “*porque eu acho que sou responsável*” e com o papel do professor “*porque os professores ensinam-nos a ter responsabilidade*”, como nos mostra a tabela.

Recorrendo aos mesmos valores, fizemos a questão “Qual o valor que mais praticas no seio da família?”, justificando a sua resposta.

**Figura 15**

Gráfico da opinião das crianças sobre o valor que mais pratica no seio da família



A partir dos dados apresentados no gráfico, o valor mais praticado no seio da família segundo as crianças é o *amor* por seis (40%) crianças. O *respeito* e a *união* foram os segundos valores mais escolhidos, pois cada um foi a escolha de duas (13%) crianças. A *honestidade*, a *paz* e a *paciência* foram escolhidos por uma criança, que corresponde a 7% cada. Para nenhuma criança os valores *humildade*, *empatia*, *amizade*, *liberdade*, *autoconfiança*, *contentamento*, *tolerância*, *generosidade*, *coragem* e *responsabilidade* foram considerados o valor que mais praticam no seio da família. À semelhança do que aconteceu na questão anterior, duas (13%) crianças não responderam a esta questão, aliás uma não respondeu e outra deu uma resposta que não aplicava nenhuma das opções possíveis.

No que diz respeito às justificações das escolhas, para uma melhor análise dos dados e à semelhança do que tem acontecido, também iremos recorrer a categorias sempre que for necessário. Desta forma, começamos pelo valor mais escolhido pelas crianças como o valor mais praticado no seio da família, ou seja, o *amor*.

**Tabela 15.** Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor *amor* à questão – “Qual o valor que mais praticas no seio da família?”

Catagorias_Justificações da escolha do valor do amor	
Gestos amorosos	4
Papel da família	2
<b>Total</b>	<b>6</b>

As partir da leitura da tabela percebemos que as justificações das crianças recaem sobre dois temas, a presença dos gestos amorosos no seio família como vemos nestas respostas “*porque eu gosto de dar beijinhos e abraços*” e “*porque amo mais que tudo a minha família*” e o papel da família na vida delas comprovado nas palavras de uma criança “*porque em minha casa querem que todos sejamos amorosos com todos*”.

Como verificamos, os valores respeito e união foram escolhidos pelo mesmo número de crianças, isto é, duas crianças. Como justificações para a escolha do respeito indicam, cada uma, a presença do respeito e o gosto em praticá-lo. A presença do respeito no seio familiar é justificada com a frase “*porque nós respeitamo-nos uns aos outros*”, enquanto a justificação da criança “*eu gosto da minha família e de ter respeito*” levamos à segunda categoria apresentada.

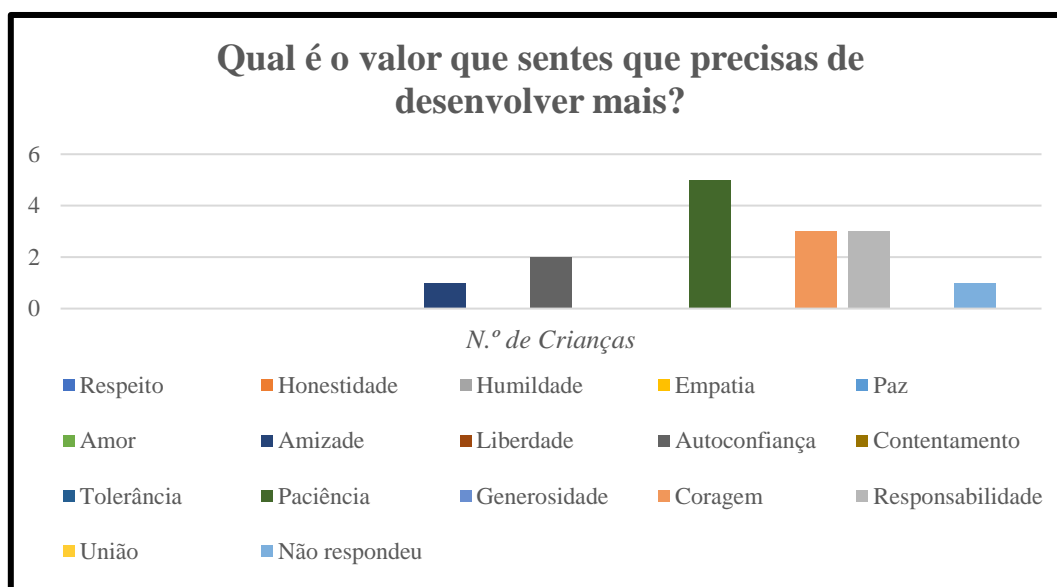
Em relação à união ambas as justificações salientam a importância de estar juntos, como vemos em “*porque sempre compartilhamos e estamos em conjunto*” e “*porque todos estão juntos*”.

No que diz respeito aos valores que foram escolhidos por uma criança cada, sendo aquele que mais pratica no seio da família, isto é, a honestidade, a paz e a paciência encontramos as seguintes justificações. Para a honestidade, a criança diz que é “*porque se ajudarmos as pessoas elas vão ajudar-nos*”. A paz é justificada com a presença de paz na família, pois a própria criança salienta “*porque na família há paz*”. Por último, o valor da paciência é escolhido por uma criança e justificado desta forma “*porque o meu mano quer brincar comigo e não me deixa em paz*”.

A última questão (figura 16) com base nos valores já mencionados tinha como objetivo perceber qual o valor que a criança sente que deve desenvolver mais, justificando a sua resposta.

**Figura 16**

Gráfico da opinião das crianças sobre o valor que precisa de desenvolver mais



Com estes dados, podemos verificar que o valor que as crianças sentem que precisam de desenvolver mais é a *paciência*, pois foi a escolha de cinco (33%) crianças. A *coragem* e a *responsabilidade* aparecem logo a seguir com três (20%) crianças cada uma. Duas (13%) crianças sentem que o valor que precisam de desenvolver mais é a *autoconfiança* e uma (7%) escolheu a *amizade* como resposta a esta pergunta. Os valores *respeito*, *honestidade*, *humildade*, *empatia*, *paz*, *amor*, *liberdade*, *contentamento*, *tolerância*, *generosidade* e *união* não foram priorizados enquanto valores que as crianças sentem que devem desenvolver mais. A esta questão uma (7%) das crianças não respondeu.

Focando-nos nas justificações a estas escolhas, em relação à *paciência* as cinco referem as suas características pessoais, isto é, falta de paciência, nestes casos em particular, das próprias crianças, como podemos ver:

*“Porque quando fazem algo mal eu fico impaciente”;*

*“Porque não tenho paciência”;*

*“Não gosto de esperar muito.”*

*“Porque chateio-me muito com o meu, pois não tenho paciência”*

*“Porque eu não tenho muita paciência”.*

No que diz respeito às justificações sobre a escolha do valor da *coragem*, as três respostas foram divididas em duas categorias, sendo elas: características pessoais, com base na resposta “porque eu tenho medo de muita coisa” dada por duas crianças e

reconhecimento positivo sobre o valor da coragem, “porque é bom”, como podemos ver na tabela.

**Tabela 16.** *Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor coragem à questão – “Qual o valor que sentes que devias desenvolver mais?”*

<b>Catagorias_Justificações da escolha do valor da coragem</b>	
Caraterísticas pessoais	2
Reconhecimento positivo	1
<b>Total</b>	<b>3</b>

Em relação ao valor da *responsabilidade* destacamos também dois aspetos: as caraterísticas pessoais e o papel da família, como percebemos com a tabela apresentada (tabela 17). Nas caraterísticas pessoais as duas (67%) crianças salientam a sua falta de responsabilidade e em relação ao papel da família, a criança (33%) justifica dizendo “porque temos de obedecer aos pais”.

**Tabela 17.** *Categorização das justificações dadas pelas crianças pela escolha do valor responsabilidade à questão – “Qual o valor que sentes que devias desenvolver mais?”*

<b>Catagorias_Justificações da escolha do valor da responsabilidade</b>	
Caraterísticas pessoais	2
Papel da família	1
<b>Total</b>	<b>3</b>

A *autoconfiança* foi considerada por duas crianças como o valor que devem desenvolver mais e as duas justificam dizendo que é difícil confiar em si mesmas, como podemos ver nas respostas: “*porque o meu pai diz para confiar em mim, mas é difícil*” e “*porque não costumo confiar em mim mesmo*”.

Para terminar, a amizade foi o valor escolhido por uma criança, pois considera que se o desenvolver mais se tornará mais simpática.

A questão seis tinha quatro alíneas e em cada uma delas eram apresentadas duas hipóteses para a criança escolher qual, na sua opinião, seria mais valioso. Na tabela 18 podemos ver as hipóteses em reflexão e escolha.

**Tabela 18.** *O que é para ti mais valioso?*

O que é mais valioso?
Dizer a verdade – usar roupa nova
Jogar computador - dar um abraço
Ter uma coroa de rei/rainha- a minha família
Ter um brinquedo novo-ser bom amigo/a

As hipóteses apresentavam duas escolhas, entre um valor humano e uma questão mais direcionada ao consumismo e ao uso que o valor monetário poderá acarretar. Nas diferentes questões estava inerente a relação ser e ter. Podemos referir, que em todas as alíneas, houve apenas uma criança que nunca respondeu. E podemos ainda indicar que, de acordo com os dados, em todas estas premissas, a grande maioria das crianças (14) optou por seleccionar aquelas relacionadas com o ser, ou seja, seleccionaram as que estavam inerentes aos valores humanos e morais. De salientar uma reposta um pouco diferente na alínea que tinha como hipóteses: *dizer a verdade* ou *usar roupa nova*, sendo que onze crianças (73%) escolheram *dizer a verdade*, três (20%) optaram por *usar roupa nova*.

Podemos então verificar que as crianças consideraram como mais valioso os afetos ou os valores humanos e morais, em vez das hipóteses que davam exemplos de bens materiais, ou valores económicos. Estas respostas, embora pareçam politicamente acertadas, pensamos que caracterizam bem este grupo de crianças. Os valores, para elas, não são apenas palavras soltas, são palavras que levam a atitudes assertivas e condizentes com o que se encontra estabelecido. Acreditamos que cada uma destas crianças está a fazer um caminho na construção dos seus valores.

Na questão sete voltámos a pedir às crianças para escolher o valor mais importante entre duas hipóteses, nas seis alíneas que apresentamos. Em cada alínea as crianças escolhiam entre um valor positivo e um valor negativo. As opções eram:

**Tabela 19.** *Dicotomia de valores*

Dicotomia de valores (positivos e negativos)	
guerra-paz	partilha-egoísmo
amor-ódio	honestidade-mentira
desprezo-empatia	impaciência-tolerância

Por valores negativos, ou antivalores, percebemos aqueles que se opõem a orientar a vida favoravelmente e vida pessoal em harmonia e respeito mútuo. São os contrários a isso que se chamam valores positivos e que se pretendem que orientem ações humanas e considerados como formas adequadas de agir, dentro de parâmetros morais e ético estabelecidos.

Em todas as respostas houve sempre uma criança que não respondeu. Em todas estas dicotomias apresentadas, a escolha da maioria das crianças (14) recaiu sempre sobre o valor tido como positivo, ou seja, escolheram a paz, o amor, a empatia, a partilha, a honestidade e a tolerância, como os valores que mais prezam na sua vida (face à escolha que tinha de fazer). Acrescenta-se ainda que na relação tolerância e impaciência, uma criança (8%) considera a impaciência como o valor mais importante.

Podemos concluir, com base nos dados apresentados, que as crianças preferem viver num mundo que seja marcado pelos valores positivos e não pelos valores negativos.

Para a última pergunta do questionário decidimos pedir às crianças que nos dissessem qual o seu valor favorito a partir de um desenho. A escolha recaiu sobre a amizade, o amor, a honestidade e a paz (tabela 20). É importante salientar que a esta questão todas as crianças responderam, como podemos ver no gráfico.

**Tabela 20.** *Respostas dadas pelas crianças à pergunta – “Qual é o teu valor favorito?”*

<b>Respostas das crianças à questão “Qual é o teu valor favorito?”</b>	
Amor	10
Paz	2
Amizade	2
Honestidade	1
<b>Total</b>	<b>15</b>

A partir desta tabela, podemos concluir o valor mais vezes escolhido como o favorito das crianças foi o amor, pois foi escolhido por dez (67%) das crianças. O valor da amizade e da paz foi escolhido por duas crianças cada, o que corresponde a 13% em cada valor. O valor menos escolhido foi a honestidade, pois foi apenas considerado por uma (7%) como o seu valor favorito. Em relação aos desenhos das crianças (figura 17), podemos concluir que o mesmo valor pode ser interpretado de maneira diferente, pois, em relação aos desenhos que retratem o valor amor, o coração aparece em todas as imagens, como vemos nas imagens.

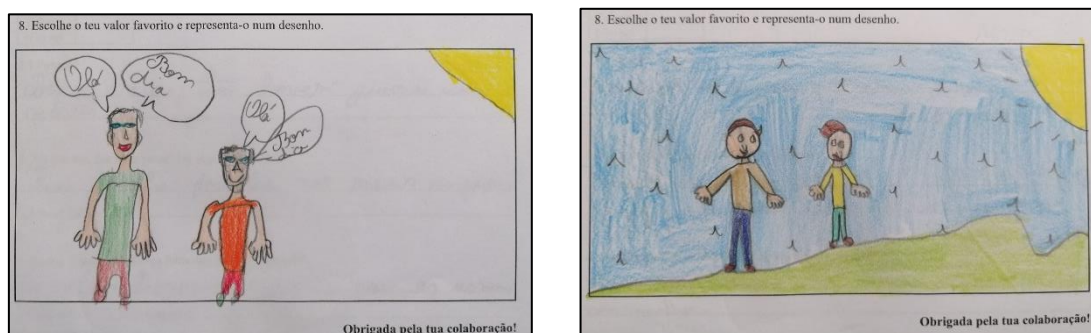
**Figura 17**

*Desenhos das crianças que consideraram o seu valor favorito o amor.*



**Figura 18**

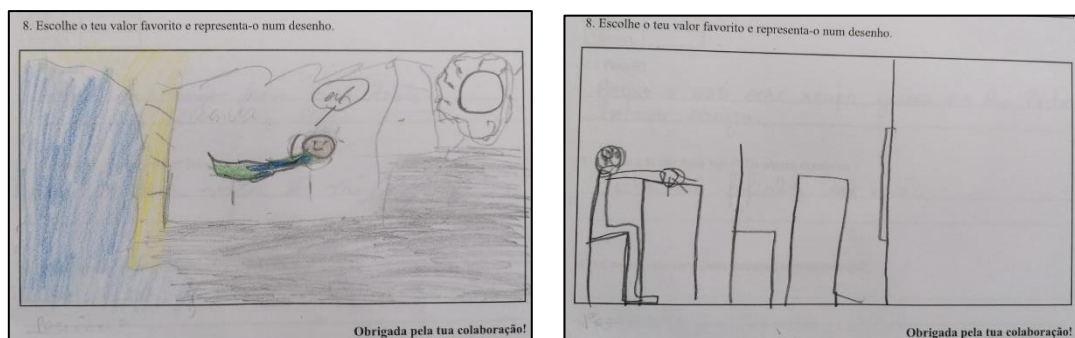
*Desenhos das crianças que consideraram o seu valor favorito a amizade.*



Em relação desenho sobre o valor da amizade (figura 18), gostaríamos de destacar que as duas crianças desenharam duas crianças a partilhar momentos, o que demonstra, que é desta forma que elas vêm o valor da amizade, isto é, a amizade para elas é brincar, conversar e passar bons momentos juntos.

## Figura 19

*Desenhos das crianças que consideraram o seu valor favorito a honestidade.*



A honestidade é caracterizada de duas maneiras distintas, o que comprova, mais uma vez, a singularidade das crianças. O desenho sobre a paz caracteriza a importância da conversa para a resolução de conflitos.

### Síntese

A maioria das crianças associa a expressão “valores humanos” ao facto de alguém ter valores, e não fazer mal às outras pessoas, acrescentando ainda que é ter direitos humanos. Para este grupo é muito importante pautar a vida com valores humanos, justificando essa relevância pelo facto de se ter/ser amigo/a de alguém. As crianças atribuem grande valor às pessoas mais próximas e que lhes são queridas, como por exemplo a família, os/as amigos/as e os/as professores/as. Elas dizem, também atribuir valor ao respeito, honestidade, humildade, paz, amor, solidariedade.

Pensam que os valores humanos servem essencialmente para podermos ter uma relação interpessoal positiva, para se respeitarem os direitos humanos e sermos educados. É um grupo que se identifica mais com valores como, o amor, a amizade e a paz.

O valor humano que dizem praticar mais na escola é o respeito e a amizade e no seio familiar é o amor, a união e o respeito. Aquele valor que mais necessitam de praticar e desenvolver é a paciência, a coragem e a responsabilidade.

Valorizam, na sua maioria, aspetos relacionados com o ser em detrimento do ter. Na dicotomia valor e antivalor, seleccionaram todos os valores considerados positivos. O amor, é o valor mais escolhido pela maioria das crianças inquiridas.

## **Considerações Finais**

Para terminar, pretendemos refletir sobre a investigação realizada ao longo deste relatório começando com a pesquisa do conceito de valores, passando pela exploração dos seguintes documentos LBSE (1986), OPC (2016), OCEPE (2016), AE de Cidadania e Desenvolvimento (2018), ENEC (2017), RED (2016) e o PASEO (2017), mais concretamente, dos valores presentes no documento, até à procura do papel do educador/professor neste caminho.

Como ponto de partida quisemos entender o significado do conceito de valores, ou seja, razões que justificam as nossas ações, partindo do princípio que para viver em sociedade é essencial conhecer os valores humanos, e “o conjunto de princípios, ideias, sentimentos e/ou regras estabelecidas por uma comunidade para todos os indivíduos” (Moreira, 2014, p.7).

Nesta caminhada foi importante também perceber o conceito de educar, que nas palavras de Savater (2010) é trabalhar para “conseguir indivíduos autenticamente livres” (p.30), ou seja, é contribuir para a construção de cidadãos responsáveis e comprometidos com os desafios que a sociedade lhe coloca diariamente, tendo plena noção que a educação deve “fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (Delors, et al., 1998, p. 89).

Um dos grandes dilemas que encontramos ao longo da escrita deste relatório foi perceber se a escola tem ou não um papel na educação da criança. Com a ajuda dos prós e contras apresentados por Andrade (1992) percebemos que promover os valores na escola é “contribuir para a continuidade justificada ou para a mudança racionalmente desejável” (p.31) e isso quer dizer dar ferramentas às crianças para que adquiram conhecimentos para saber escolher o mundo para si sem prejudicar o outro. Nesta linha de pensamento, encontramos a base para podermos afirmar que educar uma criança é um desafio de todos sem exceção. Partindo do princípio de que a escola é o local onde a criança passa mais tempo durante o dia, é importante que os valores não sejam esquecidos ou desvalorizados em contexto educativo, por isso, a comunidade educativa deve proporcionar momentos de educação em valores, tal como está plasmado nos documentos oficiais que investigámos.

É importante, ainda, referir que a educação de uma criança não é um trabalho solitário, isto é, a escola, a família e a comunidade devem trabalhar em conjunto para promover o desenvolvimento pessoal e social de cada criança. O adulto deve ter

consciência que as crianças vêem os outros como exemplos e é importante que sejamos bons exemplos (Silva, et al., 2016). A esta questão acrescentamos o facto de ser necessário uma inovação e renovação da práxis, permitindo que as crianças convivam com diferentes realidades e aprendam a viver com as mudanças. Estimular o pensamento crítico, por exemplo, poderá fazer face a esta questão tão subjetiva, que é encararmos o educador/professor como um modelo a seguir, no que respeita à construção de valores. Assim, compete ao educador/professor ser o mediador entre a informação, o conhecimento, a prática e a ação concreta e real, promovendo espaços de participação efetiva da criança.

A educação em valores deve ser promovida nos primeiros anos de idade, pois esses são essenciais “para o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais, bem como o desenvolvimento de atitudes e valores estruturantes para aprendizagens futuras” (Silva, et al., 2016, p.4). Este caminho deve ser percorrido ao longo dos anos de escolaridade, valorizando-se o desenvolvimento pessoal e social da criança, tornando-a mais cidadã.

Os contextos educativos já não são mais lugares onde a criança apenas adquire conhecimento, mas o local onde a criança é valorizada como o ser único e onde promovem o seu crescimento diariamente. A creche, por exemplo, é vista como o lugar onde a criança desenvolve o sentido de segurança e autoestima, a curiosidade e ímpeto exploratório e a competência social e comunicacional. Por outro lado, a educação pré-escolar deve continuar a valorizar os objetivos da creche e promover a construção de valores, isto é, o desenvolver atitudes, valores e disposições através do relacionamento da criança consigo própria, com os outros e com o mundo que a rodeia. Estas relações vão permitir à criança criar referências para perceber o certo e o errado, entender a importância de respeitar o outro e conhecer os direitos e os deveres de cada um numa sociedade. Estas aprendizagens irão dar à criança ferramentas para se tornar numa cidadã autónoma, consciente e solidária (Silva et al., 2016). Já o contexto do 1.º CEB também é visto como mais do que um lugar onde a criança aprende a ler a escrever. Este é visto como um lugar cheio de desafios e aventuras, em que a criança deve promover o seu poder de argumentação e decisão, assim como é o sítio onde a criança desenvolve relações com outras pessoas.

Formar cidadãos é um trabalho contínuo que começa nos primeiros anos de vida e continua ao longo da vida de cada um. É essencial, portanto que estes contextos promovam um trabalho contínuo e que incluam a criança no processo de decisão (Silva, et al., 2016; Ribeiro 2011, ENEC, 2017; Monteiro et al., 2017).

Desta forma, e a partir dos documentos oficiais percebemos que os valores em contexto educativo têm percorrido o bom caminho e cada vez mais são vistos como essenciais na aprendizagem das crianças, como podemos comprovar com a área de conteúdo de formação pessoal e social na educação de infância e com a componente curricular de cidadania e desenvolvimento no 1.º CEB, que mesmo não sendo uma disciplina é vista como uma área importante e transversal, ou seja, presente em todas as disciplinas. Estas áreas foram pensadas com base em documentos importantes como ENEC, o RED e o PASEO.

Posto isto, pensamos que um dos essenciais papéis da escola, é precisamente promover práticas quotidianas com base nos valores e princípios de cidadania para proporcionar “um clima aberto e livre para a discussão ativa das decisões que afetam a vida de todos os membros da comunidade escolar” (Monteiro, et al., 2017, p.10).

Valorizar a educação em valores nos contextos educativos é também entender o papel importante que têm os agentes educativos neste processo.

No início desta investigação delineamos três objetivos, sendo eles: (i) promover a construção de valores que possam favorecer uma melhor compreensão e intervenção sobre o mundo que nos rodeia; (ii) compreender a importância que o quotidiano (pré)escolar assume na construção de valores; (iii) analisar a perceção das crianças em relação aos valores, que neste momento, no fim da investigação consideramos ter cumprido.

Em relação ao primeiro objetivo, na nossa opinião, todas as EEA tinham como principal objetivo promover a construção de valores para as crianças compreenderem o mundo em que vivem. Especificamente na EEA “O lápis mágico da Malala”, que teve como base, o livro escrito por Malala, permitiu às crianças conhecer a realidade do mundo em que vivem algumas pessoas e tomar decisões como se tivessem no posto com poder. Segundo as aprendizagens essenciais de cidadania e desenvolvimento, (2018), a escola deve promover “a formação do indivíduo como cidadão participativo, iniciando o caminho do exercício da cidadania ao longo da vida” (p.2).

Em relação ao segundo objetivo delineado, isto é, compreender a importância que o quotidiano (pré)escolar assume na construção de valores, pensamos ter sido cumprido sempre que fortalecemos a relação da escola com as famílias e com as instituições da comunidade, pois a educação das crianças deverá ser o trabalho conjunto entre estes. A participação numa campanha de solidariedade com a realização de desenhos nos postais solidários que levaram à visita ao lar de idosos e à entrega dos postais aos idosos na EEA

super-herói/heróína, permitiu que as crianças e as famílias entendessem a importância desta ligação na construção de valores. A educação para a cidadania pode ser desenvolvida nas escolas através “de projetos e atividades da sua iniciativa, em parceria com as famílias e entidades que intervêm neste âmbito, no quadro da relação entre a escola e a comunidade” (Educação D. G., 2012, p.2).

Para responder ao terceiro objetivo, analisar a percepção das crianças em relação aos valores, construímos um questionário para as crianças responderem de forma anónima. O questionário era composto por questões sobre os valores humanos, tendo como principal objetivo perceber quais as opiniões das crianças sobre os valores e, na sua opinião, qual importância na vida das pessoas. Como já foi mencionado anteriormente, é importante que a criança se sinta incluída e ouvida, por isso é essencial que lhes proporcionemos momentos para tal, assim como é importante que o professor valores os conhecimentos que já adquiriu anteriormente. Ao analisarmos os dados recolhidos ficámos com a ideia de que as crianças têm uma percepção clara dos valores humanos e procuram agir em conformidade com o que consideram ser o caminho certo. Valores como: respeito, amizade, solidariedade, amizade, respeito, tolerância, entre outros, foram facilmente identificados pelas crianças como sendo essenciais para se viver bem em sociedade.

Como futuras educadoras e professoras, a realização desta investigação fortaleceu o nosso pensamento sobre a importância da construção de valores em contexto educativo, abrindo-nos horizontes sobre o caminho que os valores “percorreram” e “continuam a percorrer” na educação, assim como a sua importância na vida das crianças.

## Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativa e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Andrade, J. V. (1992). *Os valores na formação pessoal e social*. Lisboa: Texto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação - Uma introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Carvalho, M. A. (2013). *Situações de jogo/brincadeira: promoção de interações desenvolvimentalmente estimulantes entre adultos (pais e profissionais) e crianças em idade de creche*. Instituto Politécnico de Lisboa.
- Costa, A. P., Moreira, A., & Sá, P. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: métodos (vol.1)*. Universidade de Aveiro.
- Craveiro, M. (2007). *Parte II – Metodologia de investigação*. <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1232/10/Parte%20II%20-%20Metodologia%20da%20investiga%c3%a7%c3%a3o.pdf>.
- Delors, J., et al., (1998). *Educação um tesouro a descobrir*. Cortez Editora.
- Educação, D. G. (Dezembro de 2012). Educação para a Cidadania - linhas orientadoras.
- Educação, M. d. (14 de outubro de 1986). Decreto-Lei n.º 46/86. *Lei de Bases do Sistema Educativo*, p. 30.
- Educação, M. d. (2018). *Aprendizagens Essenciais Cidadania e Desenvolvimento*.
- Educação, M. d. (2018). *Aprendizagens Essenciais Português | 4.º ano - 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Ministério da Educação.
- Fonseca, J. (2005). *Educação e valores: que relação?* Açores: Universidade dos Açores.
- García, X. M., & Rovira, J. M. (2007). *Las siete competencias básicas para educar en valores*. Editorial Graó.
- Georgen, P. (2005). *Educação e valores no mundo contemporâneo*: Universidade de Sorocaba.
- Marques, A. A. (2012). *A interdisciplinaridade em sala de aula, no 1.º ciclo do ensino básico*. Universidade do Algarve.
- Marques, J. M., Mendes, M. A., & Carvalho, M. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Marques, P. C. (2015). *A Educação Pré-Escolar: Regras, Comportamentos e Cidadania*. Instituto Politécnico de Portalegre.
- Martins, G. d., et al. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação.

- Monteiro, R., et al. (2017). *Estratégia nacional de educação para a cidadania*. Direção Geral de Educação.
- Moreira, A., Sá, P., & Costa, A. P. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados (vol. 2)*. Universidade de Aveiro.
- Moreira, M. F. (2014). *Direitos Humanos, Ética e Cidadania*. NT Editora.
- Oliveira, D. F. (s.d.). *Educação para a cidadania: um desafio da escola atual*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Porto Editora. (s.d.). *Valores*. Obtido de Infopédia: [www.infopedia.pt/§valores](http://www.infopedia.pt/§valores)
- Portugal, G., Carvalho, C., & Bento, G. (2016). *Orientações Pedagógicas para a Creche*. Ministério da Educação.
- República, D. d. (22 de junho de 2018). Decreto-Lei n.º 55/2018.
- Ribeiro, I. F. (2011). *Prática Pedagógica e Cidadania: Uma Interpretação Crítica Baseada na Ideia de Competência*. Universidade do Minho.
- Rodrigues, N. J. (2012). *Álbum Narrativo: que possibilidades de leitura? Com que leitores?* Universidade do Minho.
- Rodrigues, S. D. (2011). *A importância das rotinas matinais no desenvolvimento da criança no jardim de infância*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Sanches, M. A. (2012). *Educação de Infância como Tempo Fundador: Repensar a Formação de Educadores para uma ação educativa integrada*. Universidade de Aveiro.
- Santos, M. M. (2010). *Leitura Partilhada entre o Jardim de Infância e a Família - Um projecto de intervenção*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.
- Torrão, R. A. (2015). *A importância dos cuidados e das rotinas na creche*. Instituto Politécnico de Portalegre.
- Torres, A., Figueiredo, I. L., Cardoso, J., Pereira, L. T., Neves, M. J., & Silva, R. (2016). *Referencial de Educação para o Desenvolvimento - Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário*. Ministério da Educação.